SEÇÕES

Editorial

Artigos e Ensaios

Poesia

Ficção

Outros Textos

Discursos

Registro

Diversos

Que o mundo todo é gaiola / E a vida é Guriatã.

In: *Guriatã – um cordel para menino*, de Marcus Accioly, poeta pernambucano. Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores (Rio).

ISSN 2446-5615

Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA – Nº 2 – 2016

Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Julho de 2016 – Nº 2 – ISSN 2446-5615

PATRONO DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

ADONIAS FILHO

DIRETORIA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Presidente
Sônia Carvalho de Almeida Maron

Vice-Presidente
Ruy do Carmo Póvoas

1ª Secretária
Ceres Marylise Rebouças

2ª Secretária
Lourdes Bertol Rocha

1º Tesoureiro
João Otávio de Oliveira Macêdo

2º Tesoureiro
Carlos Valder do Nascimento

Diretor da Biblioteca
Marcos Antônio Santos Bandeira

Diretor da Revista
Cyro Pereira de Mattos

Diretoras de Arquivo
Raimunda Assis, Sione Porto

Diretoras de Projetos e Pesquisas
Janete Ruiz de Macedo,
Silmara Santos Oliveira

Diretores de Ações Culturais
Jorge Luiz Batista dos Santos,
Raquel Rocha

Diretora de Comunicação
Celina Santos

Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Julho de 2016 – Nº 2 – ISSN 2446-5615

Bahia, Itabuna

2016

Copyright © 2016 by Academia de Letras de Itabuna (ALITA)

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito dos autores.

Presidente da Academia de Letras de Itabuna
Sônia Carvalho de Almeida Maron

Diretor da Revista
Cyro de Mattos

Conselho Editorial
Carlos Valder do Nascimento
Celina Santos
Maria Luíza Nora

Revisão
Maria Luíza Nora

Diagramação
Samuel Tabosa de Castro

A ideia do nome Guriatã para a revista e a da capa e contracapa com o pássaro é do acadêmico Cyro de Mattos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guriatã — Revista da Academia de Letras de Itabuna

Publicação da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Itabuna–Bahia: Libri Editorial; julho de 2016.

156 p. : il. ; 22 cm.

ISSN 2446-5615

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Poesias. 4. Poemas. I. Título.

CDU: 82.34; 82-1; 7.04

SUMÁRIO

EDITORIAL

Revista das letras e da cultura 13
Cyro de Mattos

ARTIGOS E ENSAIOS

Referências da ficção moderna: William Faulkner 17
Heloísa Prazeres

O visionário José Saramago 24
Cyro de Mattos

A arte de escrever e o escrever com arte 30
Jorge Luiz Batista dos Santos

Poemas iberoamericanos 35
Carlos Felipe Moisés

Aspectos polêmicos da aposentadoria compulsória 39
Sônia Carvalho de Almeida Maron

Ainda sobre a redução da maioridade penal 46
Carlos Valder do Nascimento

POESIA

Um canto de domingo 51
Aleilton Fonseca

Dois poeminhas 52
Valdelice Soares Pinheiro

Dois poemas 53
Florisvaldo Mattos

Dois sonetos 55
Cyro de Mattos

Dois poemas 57
Renato Prata

Dois poemas 59
Telmo Padilha

Dois poemas 61
Ceres Marylise Rebousas

Convicção 63
Ariston Caldas

Do amor 64
Hélio Nunes

Solidão 65
Firmino Rocha

Dois poemas 66
Ruy Póvoas

Novo tempo 69
Delile Oliveira

FICÇÃO

Itan: O segredo do outro 73
Ruy Póvoas

Tio Raul 75
Aramis Ribeiro Costa

Pássaro Acauã 79
Cyro de Mattos

OUTROS TEXTOS

A lírica de Plínio de Almeida 85
Carlos Eduardo Passos

A ponte dos velhacos 90
João Otávio

O artista resgata a magia dos filmes antigos em plena era 3D 92
Raquel Rocha

Amiga de ontem, amiga de sempre 94
Sônia Carvalho de Almeida Maron

Rio Cachoeira: retrato da agonia 97
Lurdes Bertol

Cinquenta anos de poesia maior 101
Ruy Espinheira

Por água abaixo 103
Celina Santos

Elogio ao cronista 105
Margarida Fahel

Jupará 108
Rilvan Santana

DISCURSOS

Na posse da mesa diretora 113
Sônia Carvalho de Almeida Maron

Na posse dos novos acadêmicos 120
Sônia Carvalho de Almeida Maron

REGISTRO

ALITA lança livro com coletânea de poesias de Valdelice Soares Pinheiro... 129

Nota de pesar pelo falecimento de Consuelo Pondé 131

Comemorações do centenário de Adonias Filho em Itajuípe 132

Revista Guriatã marca voo inédito 134

Eleição da nova diretoria da ALITA..... 136

Ludmila Bertié lança biografia de Adonias Filho 138

Lançamento do livro "Uma interpretação cultural para o turismo a partir da obra de Adonias Filho" 140

Revista da Academia de Letras da Bahia inclui textos de alitanos 141

Cyro de Mattos recebe Prêmio Nacional Pen Clube do Brasil 2015 142

Conferência na Academia Brasileira de Letras sobre romance de Adonias Filho..... 144

Alitana Ceres Marylise homenageada em eventos culturais no Brasil e no exterior 147

Escritor itabunense foi destaque da Rádio e TV Al Dia na Espanha..... 149

DIVERSOS

Quadro social da ALITA..... 153

Nome da revista 154

Fundadores — 19/04/2011 155

Primeira cerimônia de posse (foto) 156

EDITORIAL

Revista das letras e da cultura

Uma academia de letras serve para interagir com a comunidade na promoção e defesa da liberdade de expressão. O ideal que lhe dá suficiência deve consistir na valorização da humanidade nas letras. É obvio que a fraternidade faça parte das relações dos integrantes de uma instituição desse teor.

No mundo de hoje em que os valores espirituais são descartados, priorizando-se o corpo, o estômago e a cabeça em busca de poder, cabe às academias de letras o papel de cultivar a importância da língua, da literatura e da comunicação como formas de manifestações inerentes ao nosso ser-estar no mundo com vistas ao conhecimento da vida. Esse tipo de instituição contribui para perenizar aqueles que amam as letras, manipulam por meio de sentimentos e razões os sinais visíveis da escrita, utilizam os elementos da oratória e o simbolismo da cultura como instrumentos que resultam da criatividade humana e que se tornam caminhos úteis para a compreensão do nosso trânsito neste mundo.

Nessa direção, a Academia de Letras de Itabuna, carinhosamente chamada de ALITA, prossegue na sua jornada iniciada há cinco anos. Publica dessa vez o segundo número da revista Guriatã e mantém nesta o formato de suas seções como no primeiro, com a diagramação gráfica distribuída nas seções de Artigos e Ensaios, Poesia, Ficção, Outros Textos, Discursos, Registros e Diversos.

Guriatã traz textos assinados pelos seguintes membros da ALITA: Aramis Ribeiro Costa, Cyro de Mattos, Carlos Valder do Nascimento, Renato Prata, Aleilton Fonseca, Sônia de Almeida Carvalho Maron, Ruy Póvoas, Ceres Marylise Rebouças, Rilvan Santana, Jorge Luiz Batista dos Santos, Lurdes Bertol, Delile Oliveira, Raquel Rocha, João Otávio, Celina Santos, Margarida Fahel e Carlos Eduardo Passos. Há, ainda,

poemas dos poetas sempre lembrados Firmino Rocha, Telmo Padilha e Valdelice Pinheiro. E dos esquecidos Hélio Nunes e Ariston Caldas. Helena Prazeres, Doutora na área das Letras, da UFBA, Carlos Felipe Moisés, poeta e crítico, Doutor em Letras, da USP, poetas consagrados Ruy Espinheira Filho e Florisvaldo Mattos, da Academia de Letras da Bahia, comparecem às páginas de Guriatã como convidados.

Assim, espera-se ajudar o homem moderno a descobrir modos de pensar e de sentir que, como lembra Octavio Paz, "não estão longe do que chamamos parte noturna do nosso ser." Por seu lado, procura-se mostrar que se pode viver num mundo alimentado pelas razões e sonhos, sem que isso indique futilidade ou neurose.

Se tudo é ilusão, sonhar, como pensar, é sabê-lo. Saber para saber, saber para ser ou até mesmo para ter, como querem os filósofos. Mas sem deixar de interagir.

Cyro de Mattos
Editor da Revista

ARTIGOS E ENSAIOS

Referências da ficção moderna: William Faulkner

Heloísa Prazeres*

Para Hélio Pólvora,
em memória

De acordo com estudos sobre William Faulkner (1897-19620) – um dos escritores da chamada "geração perdida"[1] —, deve-se reconhecê-lo como disseminador de técnica narrativa oriunda do chamado 'fluxo de consciência', exercício que se expandiu para as outras Américas, como, após, bem o demonstram, por exemplo, as narrativas do escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014). Mesmo quando violada de várias maneiras, em sua rudeza, condensação e coloquialismo, para o alcance de experiências temáticas, formais, temporais, e de fusões espaço/tempo, essa literatura romanesca revela percepções pessoais de sujeitos em tensão com a coletividade na qual estão inseridos. Tal narrativa é canônica e sua sintaxe, dominantemente, expõe padrões previsíveis de uso intencional da linguagem transformada para fins de atitude artística e de *triunfo da estranheza* (BLOOM, 2010, p. 418).

Neste estudo, acompanha-se esse aspecto relevante, dito de *estranheza*, associado à visão de mundo de personagens que oferecerão desafios, registrando-se a captura de signos, nos quais se evidencia o fato de que a realidade circundante já começara a

* Nasceu em Itabuna, reside em Salvador. Graduada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira, Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia, UFBA. Cumpriu o curso de doutorado na University of Cincinnati, Ohio, EUA.

1 Escritores da *geração perdida* desencadearam uma rebelião contra as convenções sociais e estéticas estabelecidas, numa tentativa de agregar novos valores à literatura (MACMICHAEL, 1985, p. 1494).

desintegrar-se —, ou seja, quando dominam momentos de transição, que combinam atmosferas oníricas, realidades inefáveis e delirantes.

Nessa atmosfera, desenvolve-se, por exemplo, o romance *Enquanto agonizo*, tradução brasileira de 1978 – no irreparável trabalho do mestre Hélio Pólvora, cujo fascínio pela obra de WF sempre o moveu produtiva e criativamente. *Enquanto agonizo* foi estruturado sob esse preciso viés existencial e linguístico, a partir do qual se conta, literariamente, a história de Addie Bundren, personagem morta que, em sua errância, desenvolverá maior lucidez e interação com os vivos (FAULKNER, 1978).

Dedica-se aqui especial atenção à narrativa curta, ao conto *A rose for Emily*, 1930 (Uma rosa para Emily), observando-se de que maneira WF revela a curiosidade do tratamento do ponto de vista do relato na primeira pessoa do plural – recurso relativamente recente, que implica o momento quando o narrador parece recuperar a voz do coro da tragédia grega (ASCHER, 2008). Reside aí o comentário do autor sobre como a protagonista desilude-se, descrente da geração dos que a antecederam. Também sobressai a forma como ela insistirá, contudo, em manter-se fiel à sua identidade, apegada ao modelo de uma história familiar ultrapassada.

Secundariamente, menciona-se o desenvolvimento conceitual e a crítica oriunda de padrões regionais, e de *-ismos* latino-americanos, cujas teorias foram sistematizadas pelo escritor cubano Alejo Carpentier. Esse autor analisa, comenta e cita as experiências narrativas de WF, como referenciais, relativamente às interpretações das mencionadas atmosferas oníricas dos relatos de ficção. Tais procedimentos receberam a designação de realismo mágico, sendo que há semelhanças entre o chamado Renascimento do Sul da América do Norte e a "nueva novela" – prosa literária desenvolvida na América Latina (PRAZERES, 2000).

Propõe-se, pois, que existe manifesta convergência temática nos textos das Américas – obras fundadoras da literatura do século XX, das quais sobrevêm aspectos de autoanálise, identidade, obstinação e criatividade irrestrita, na captura literária da realidade, em moldes denominados "mágicos". Curioso observar que, desde o final dos anos '40, do século passado, por exemplo, os romances e contos de

Gabriel García Márquez remetem o leitor a um lugar especial, para onde sonho e realidade convergem, tal como acontece nas narrativas de WF — acrescentando-se que os mesmos protagonistas aparecem em diferentes histórias.

Muitas vezes, as narrativas ficcionais de ambos os autores – WF e GGM – giram em torno de uma pessoa morta. A morte é motivo recorrente. Haverá, nos bastidores, alguém que morreu, está morrendo ou vai morrer. Esse sentimento trágico da vida, visivelmente simbólico, insurge-se contra a opressão e a exploração experimentadas pelos seres ficcionais, conforme se observará na conduta da protagonista do conto *Uma rosa para Emily*.

Com efeito, como no universo de WF, o sentido de absurdo, a comédia e o grotesco seriam chaves para o entendimento do mundo literário de Gabriel García Márquez, confessadamente afeito às experiências literárias do escritor norte-americano, conforme se comenta a seguir. Ambos são criadores de um cosmos para onde confluem sentimentos humanos e contextos históricos. WF teria incorporado grande parte da sua vida pessoal à ficção; sua história familiar subjaz nas narrativas. Lugares e eventos parecem inspirados no dia a dia da vida real de Oxford, Mississippi. Bem assim, na tradição, na história e na paisagem da região.

Quando da solenidade de premiação, no seu discurso pelo alcance do Prêmio Nobel de Literatura (1982), Gabriel García Márquez manifestou o seu apreço pelo mestre – desde que WF recebera o Prêmio Nobel, em 1950 (para o ano de 1949), e foi também vencedor do Prêmio Pulitzer, por *A Fable* (1954) e The Reivers[2] – GGM, à época, assim se manifestou:

> No entanto, contra a pilhagem, opressão e negligência, a nossa resposta é a vida... Um dia como hoje, meu mestre William Faullkner disse, neste lugar:
>
> Eu me recuso a aceitar o fim do homem. Sentimo-nos no direito de acreditar que não é tarde demais para iniciar o desenvolvimento da utopia contrária. Uma nova e abrangente utopia da vida, onde

2 Uma de suas novelas mais representativas, que descreve a experiência pessoal do autor, *The reivers*/*Os desgarrados* (1962).

> ninguém possa decidir por outros ou como eles morrem; onde o amor se provará verdadeiro e a felicidade seja possível; e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham finalmente e para sempre uma segunda oportunidade sobre a terra (MÁRQUEZ, 1990, p. 504-510. Trad. nossa).

Para melhor apreensão desse proposto processo de ficcionalização da realidade, acompanhe-se a mostra de simbolismo grotesco e a estranheza praticadas por ambos os escritores em questão, WF e GGM:

> Um manto, fino pungente e sepulcral parecia estar em toda parte sobre a sala, adornada e mobiliada, como se para núpcias; sobre as cortinas de valência, de um tom rubro, desbotado; sobre a rosa – luzes sombreadas, por sobre a penteadeira, em cima de um delicado conjunto de cristal e de objetos de toalete masculina, revestidos de prata manchada, metal tão maculado que o monograma obscurecera. Entre esses, restavam o colarinho e a gravata, como se tivessem acabado de ser removidos; levantados, imprimiam sobre a superfície empoeirada uma palidez crescente. Sobre uma cadeira jazia pendurado um terno, cuidadosamente dobrado. Abaixo dele, dois sapatos inertes e meias descartadas (FAULKNER, apud MACMICHAEL, G, 1985, p. 1777. Trad. nossa).

As novelas mais representativas de GGM, de acordo com esse modelo, são: "Ninguém escreve ao coronel" (1961), "Cem anos de solidão" (1967), "O outono do patriarca" (1975) e "Crônica de uma morte anunciada" (1981). Veja-se a descrição que se segue, colhida do romance de GGM, *O outono do Patriarca*:

> [...] as duas e dez acordou com a mente embotada e a roupa embebida em um suor pálido e morno de vésperas de ciclone: quem está aí, perguntou estremecido pela certeza de que alguém o havia chamado no sonho (...) alguém que tinha o poder de se meter em seu quarto, sem tirar as aldravas, porque entrava e saía quando queria, atravessando as parede, e então viu, era a morte, meu general, a sua, vestida com uma túnica esfarrapada de fibra de penitente, com a foice de cabo na mão e o crânio semeado de rebentos de algas sepulcrais e flores de terra, na fissura dos ossos e os olhos arcaicos e atônitos, nas órbitas descarnadas (MÁRQUEZ, 1988, p. 258).

A ROSE FOR EMILY: um conto de William Faulkner

WF sempre combinará elementos construtivos, em atenção a uma única obra literária. Em *Uma rosa para Emily* (1930), ele escolheu o foco narrativo, a percepção do mundo onde se insere a protagonista. Fica-se sabendo sobre Emily de duas maneiras: através da observação do narrador, nas cenas descritivas, e por meio da ação. O comportamento de Emily Grierson é metafórico; a ele se alude, como equivalente objetivo de sua essência psíquica, relativamente ao ambiente onde se insere e vice-versa. Assim, o sentido do conto reside na maneira de contá-lo. Há ênfase na técnica – qualidade especialmente notável —, na dicção dos personagens, nas suas privilegiadas escolhas construtivas e lexicais de trato pessoal, e nas suas expressões elocutivas pouco usuais.

Uma rosa para Emily narra a história de Emily Grierson. A atmosfera espacial da narrativa é a cidade de Jefferson[3], local onde a aparentemente envelhecida protagonista perdera o pai. Morte e funeral chamarão a atenção de toda a cidade, dado que WF explora, através do ponto de vista da primeira pessoa do plural, um "nós" (os espectadores), refutando a visão individual. O autor controlará, assim, de modo consensual, a forma como os moradores julgarão Emily. Em particular, a história curta exibe recursos literários de antecipação do sentido da trama por meio da subjetividade, da ambientação e do humor. Expedientes percebidos através de descrições de objetos e de sentimentos, que provocam sensação de mal-estar na mente e na sensibilidade do leitor:

> No dia após a morte do seu pai, as vizinhas se prepararam para lhe fazer uma visita, para fins de condolência e auxílio, como habitualmente se faz aqui. Emily, vestida com roupas costumeiras, encontrou-as à porta, sem qualquer traço de tristeza na face. Disse a todos que seu pai não estava morto, e repetiu esse mesmo gesto por três dias (FAULKNER, apud MACMICHAEL, G. 1985, p.1773. Trad. nossa).

3 Um lugar ficcional muito semelhante à cidade natal do autor, Oxford, Mississippi. WF também criou um lugar mítico, Yoknapatawpha, de uma palavra Chickasaw significando "terra dividida". Mas, de acordo com ele, a palavra significa "lento fluir de água sobre terra plana" (Trad. nossa). In, MARGIN. *Exploring magical realism.*

Outro aspecto de *estranheza* é, por exemplo, quando se informa que – ainda que morto – Emily mantivera o pai em casa, admitindo que estivesse vivo; ela se recusara a aceitar a realidade, embora os ritos do sepultamento houvessem ocorrido pela interferência de responsáveis legais. A maneira como a protagonista preservará a quem ama será sempre absurda. Diferentes imagens literárias são utilizadas por WF, a fim de moldar o caráter de Emily; WF recorre a matizes de preto e cinza, e a uma grande quantidade de referenciais góticos para descrevê-la como uma pessoa infeliz.

Paralelamente, constrói-se a trama pela escolha do tema e pelo respectivo humor negro manifesto, como as exposições descritivas e o interior da casa, referentes simbólicos da estagnação do lugar ficcional.

Emily Grierson conhecerá o mesmo destino de seu pai, permanecendo na casa, onde viveram, numa alegórica representação do passado. A personagem evidencia essa essência através do pai, da casa, e do amante. A importância de Tobe, o criado negro, é idêntica, em relação ao tradicionalismo sulista e às incoerências de limites éticos contextuais. Tobe, como Emily, é mais um signo da contradição da vida na casa dos Grierson: um excluído que representa a ideologia escravagista – a personagem é quase um fantasma, que perambula com uma cesta, de lá para cá. Além do nível literal da história de Emily, a narrativa de WF simboliza as mudanças do Sul dos Estados Unidos da América, na vigência do período histórico ficcionalizado. Emily coloca-se contra as mudanças que ocorrem a seu redor. A renovação provoca incômodo na sua vida imutável e de contínua aceitação de atitudes aristocráticas vencidas.

Assim, o que dá unidade à obra, como princípio, é o tema, que lida, conforme já anotado, com o conflito entre o velho e o novo Sul; e, igualmente, com a estória de isolamento de uma mulher, por meio de distintos simbolismos. Trata-se da construção controlada da história do conflito entre o velho e o novo, e monumentaliza-se como afirmação artística contra a solidão feminina, representada através das citadas referências simbólicas. Embora o leitor perceba Emily de modo negativo, o uso magistral de recursos literários o conduzirá, progressivamente, a um julgamento empático, ou seja, coube ao autor

tornar verossímil a sua compreensão, a sua reivindicação a favor de Emily: o título não é, consequentemente, irônico. WF deseja conceder à Emily Grierson — ou àquilo que ela representa – alguma esperança.

Referências

ASCHER, Levi. First person plural, second person singular, Literary Kics Opinions, Observations and Research, 26 mai. 2008. Disponível em: <http: //www.litkics.com/First PersonPluralSecondPerson Singular>. Acesso em: 20 out. 2015.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**; Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

II Colóquio Internacional de Literatura Comparada: 'El cuento' I-II. Ed. Martha Vanbiesem de Burbridge. Buenos Aires, Argentina: Fundación Maria Teresa Maiorana, 1995.

FAULKNER, William. A rose for Emily. MACMICHAEL, George L. (Org.), 20th.-Century Literature. **Concise anthology of American Literature**. NY: Macmillan Publishing Co., 1985.p.1771-1777.

_____. **The reivers**. New York: Vintage International, 1992.

_____. **Enquanto agonizo**. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Expansão Editorial, 1978.

MACMICHAEL, George L., (Org.) 20th.-Century Literature. **Concise Anthology of American Literature**. NY: Macmillan Publishing Co, 1985.

MARGIN. Exploring magical realism. Disponível em: <http://www.angelfire.com/wa2/margin/ > Acesso em: 29 set.15.

MÁRQUEZ, Gabriel G. **O outono do patriarca**. 10ª ed, Trad. Remy Gorga Filho. Porto Alegre: Record, 1988.

_____. **La soledad de América Latina: Escritos sobre arte y literatura**, 1948-1984. La Habana, Cuba: Editorial Arte Y Literatura, 1990.

PRAZERES, Heloísa Prata e.**Temas e teimas em narrativas baianas do Centro-Sul**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, SECULT; UNIFACS, 2000.

O visionário José Saramago

Cyro de Mattos*

A obra de arte literária responde a vários tipos de *mimese* na transposição da realidade. Reflete a realidade como ela é no realismo, melhor do que é no idealismo (romantismo) e no grotesco pior do que é. De uns tempos para cá esses três níveis de *mimese* passaram a coexistir a um só tempo na obra de ficção, fazendo com que a crítica moderna não mais aceitasse o esquema de classificação metodológica tradicional dos gêneros literários. No circuito pendular da arte literária apareceram novas técnicas para expressar o mundo de dentro e de fora a transitar no século XX. Outras vozes e anseios ousaram inventar caminhos para libertar a obra literária da estrutura tradicional.

Aldous Huxley contraponteou o tempo lógico, ao fragmentar os episódios da narrativa tradicional, para com isso dar vivacidade à trama. Proust apegou-se à memória psicológica para reconstruir o tempo perdido, fazendo com que perdurasse através de momentos escoados numa só época. William Faulkner incorporou elementos de ordem múltipla na onisciência narrativa e conseguiu aprofundar-se no complexo universo do herói movido por paixões, impulsos e terrores, que levam o personagem para a derrocada dos sentidos sob o domínio do trágico. Usou para isso dois planos temporais, do passado e do presente, que se cruzam nos momentos decisivos da ação. James Joyce empregou quatrocentas mil palavras para narrar um único dia, um único cenário e uma única viagem do homem moderno, no período compreendido entre a manhã e a meia-noite. Realizou a proeza com

* Escritor e poeta. Da Academia de Letras da Bahia. Um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna. Membro efetivo do Pen Clube do Brasil.

tamanha soberba técnica que se elevou ao plano de ser o inventor que mais transgrediu a forma narrativa para corresponder aos novos anseios dos tempos modernos. Empregou monólogos interiores e fluxos da consciência na escrita arrojada que leva para frente essa noção moderna de mitologia.

João Guimarães Rosa inventou um novo discurso, que subverte a sintaxe tradicional e reveste a linguagem com o canto e a plumagem das palavras. O tempo cronológico da narrativa linear assim foi abolido. As categorias psicológicas e alusivas da poesia nas zonas ilógicas da ilusão tomam o lugar da linguagem realista para transmitir o rural com uma pulsação diferente. A prosa escorrida no fluxo ininterrupto do inconsciente, monólogos vazados de interioridades, neologismos da linguagem com seus potenciais semânticos e poéticos, as percepções sábias dos personagens ritmadas em observações penetrantes e lúcidas acerca do sertão, tudo isso faz de João Guimarães Rosa um dos grandes inventores da prosa moderna de ficção, colocando-o na companhia dos maiores transgressores da novelística mundial de todos os tempos.

É fato apontado pela crítica o ritmo de modernidade que escritores como José Saramago e Joaquim Cardoso Pires impuseram à literatura produzida por Portugal na segunda metade do século XX. Uma nova concepção de arte literária refaz outras dimensões nas relações entre o homem e o universo com o objetivo, segundo E. M. Forster, ao comentar a fantasia criada por Joyce em *Ulisses*, "de degradar todas as coisas e, mais particularmente, a civilização e a arte, virando-as de dentro para fora e de cima para baixo". (*Aspectos do romance*, p. 96, Editora Globo).

A concepção e execução em níveis de vanguarda estão visíveis na prosa de ficção de José Saramago e alcançam na escrita um plano de organização perfeito. Ele manipula uma técnica narrativa com poucos parágrafos, usa os diálogos embutidos no discurso, entre as vírgulas, remetendo-nos com essa técnica a William Faulkner, romancista que colocou no texto verbal da narrativa a fala dos personagens fora do modo tradicional. O romancista português também faz uso das interioridades do personagem, que se manifestam na consciência para expor nossa condição diante do mundo. É a própria consciência

do personagem que revela seus tormentos no discurso que, embora simbólico, torna-se, como em Faulkner, intensamente aflitivo quando expõe os níveis psicológicos e sociais de suas duras realidades.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, que pode ser visto como romance metáfora dos sombrios tempos atuais, José Saramago é um visionário pujante e denso, articulando o discurso simbólico, representado por um bando de cegos que se move sem controle pela cidade. Sua fantasia, cheia de solidões e terrores, nos faz pensar em tempos opacos para a humanidade, quando ela perde um dos sentidos vitais, a visão, e se comporta com gestos primitivos perante os seres e as coisas.

Percebe-se que José Saramago em *Ensaio sobre a cegueira* não é apenas um eficiente assimilador dos elementos de vanguarda a serviço da escrita no romance moderno. Sabe ordená-los com habilidade no discurso construído com imaginação fecunda e convincente. E assim invade a ficção atual com a força de um fenômeno porque sabe inventar humanidades, projetar verdades que crescem nos conflitos da problemática interior do indivíduo e na crítica aos valores da sociedade. Expõe com grandeza criativa essas verdades que correspondem à nossa condição pelos desvãos do mundo.

O ensaísta na pele do ficcionista sabe tanto quanto qualquer um que a cegueira é uma questão privada entre a pessoa e os olhos com que veio ao mundo. Nesse romance onde se cruzam literatura e sabedoria presencia-se com José Saramago que a cegueira pode ter outra perspectiva. E tudo começa com um motorista, parado no sinal, que de repente percebe que está cego. E é assim, com as pessoas que chegam apressadas para socorré-lo, que uma cadeia ininterrupta de cegueira se forma. Uma cegueira branca como um mar de leite, sem que jamais tivesse sido conhecida, alastra-se rapidamente em forma de epidemia. O governo decide intervir, determinando que as pessoas infectadas sejam colocadas no manicômio em quarentena. E aos poucos as características primitivas do ser humano começam a aparecer em cada cego. A força da epidemia não diminui com as atitudes tomadas pelo governo. Depressa o mundo torna-se dominado pela cegueira e nele apenas uma mulher, não se sabe como e em segredo, irá manter a sua visão. Enfrentará todos os horrores que serão causados, testemunhando todos os sentimentos visualmente que

se desenrolam a cada dia, como desejo, ordem, carinho, humilhação, vergonha, do lado dos dominados; poder, ambição, violência, do lado dos subjugadores.

Nesta quarentena com poucos recursos para que a vida tenha um mínimo de dignidade, esses sentimentos se irão desenvolver sob lutas entre grupos pela pouca comida fornecida pelos guardas do governo, na compaixão pelos doentes e pelos mais carentes, nos impotentes diante de cenas que antes nunca seriam cometidas, com atos de violência, abuso sexual e mortes.

Apreendemos, nesse romance que nos tortura em cada lance descrito, como dolorosamente regredimos na escala biológica quando perdemos a visão. Mostramos que somos feitos dessa massa, a ruindade e a indiferença. Quando privada de uma de suas funções vitais, o olhar, a humanidade reduz-se às circunstâncias absurdas de que viver não tem sentido, "pois a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança" (p. 204). Não se pode deixar de perceber que com todo esse clima de tormento *Ensaio sobre a cegueira* é também um romance sobre o amor, o afeto e a solidariedade.

A imagem aterradora da vida que José Saramago passa neste romance é de que os que enxergam têm o compromisso imenso de olhar os seres e as coisas sob a ética das virtudes, já que os outros enxergam a existência apenas pela superfície. No início eram três dúzias de cegos no manicômio, depois com a chegada de outros o número passou a ser duzentos e quarenta. Teriam que ali permanecer como o cão que não conhece outro cão pelo nome posto pelo dono. Dessa maneira é pelo cheiro que um cego identifica o outro. Como outra raça de cães é como os cegos apresentam-se em lances aterradores, cenas absurdas nas quais o ladrar é o falar, o resto não conta, como feições, cor dos olhos, da pele, cabelo, tamanho, idade. Lidas as ideias, pelo romancista, na mente dos personagens revela-se ali o mundo como se não existisse na zona do racional, fosse o inferno inundado de porcarias e comportamento animal.

Quando o grupo de cegos, que fora instalado pelo governo em uma quarentena, consegue sair finalmente do manicômio, em razão de um fogo posto na camarata ocupada pelo grupo de cegos

dominante, a mulher do médico, a que vê, depara-se com a ausência de guardas na cidade toda infectada com a putrefação de cadáveres, lixo acumulado, detritos espalhados por todos os cantos. Todo o tipo de imundice havia se instalado em todos os lugares. Os cegos passam a se movimentar com os seus instintos animais, sobrevivendo como nômades, instalando-se em lojas ou casas desconhecidas.

Nessa verdadeira viagem às trevas, narrada por José Saramago no romance *Ensaio sobre a cegueira*, personagens como o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, o médico, a mulher do médico, a única que vê, o velho com a venda preta, a rapariga de óculos escuros, o rapazinho estrábico, o ladrão do carro, o cão de lágrimas e outros coadjuvantes não possuem nomes. Com suas particularidades movem-se nas cenas agarrados ao medo. Tateiam como prisioneiros de sua culpa, rastejam com sua inocência, murmuram tristes entre as sombras de seu destino.

Com técnica avançada, contexto filosófico agudo, uma imagem desesperadora de tempos sombrios projeta-se em *Ensaio sobre a cegueira*. Nela se arrastam seres humanos destituídos dos valores éticos, massificados, distantes das relações afetivas. Não se trata de romance de fácil apreensão. Saramago tirou do Livro dos Conselhos a epígrafe da obra, *Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara,* forçando-nos a refletir que aquele que melhor vê é quem observa, separa, seleciona, com lucidez julga, com serenidade ao outro abraça.

Mostra as reações do ser humano diante das necessidades, sua incapacidade, impotência, desprezo e abandono. Leva-nos também a analisar sobre costumes, regras morais, preconceitos, através dos olhos da personagem principal, a mulher do médico, que se vê ao longo da narrativa diante de situações inconcebíveis. Ela mata para sobreviver e preservar os demais, encontra-se com a morte de maneira inusitada. Caminha entre cadáveres espalhados pelas ruas, alguns sendo comidos pelos cães. Permance olhando incêndios sem poder fazer nada. Após a saída do manicomio, entrando numa igreja, vê um ambiente deserto batido pela solidão em que todos os santos se encontram de olhos vendados: *se os céus não vêem, que ninguém veja.* A narrativa termina quando, exatamente em função do contágio, de repente o mundo cego cede lugar ao mundo imundo e desalmado. As

lembranças e passos de outro mundo não desaparecem, permanecem na duração psicológica de suas aflições terríveis.

José Saramago declarou que *Ensaio sobre a cegueira* era um livro intencionalmente terrível com o qual queria que o leitor sofresse tanto como ele ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. Fora concebido como um livro brutal e violento, simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da sua vida. São trezentas páginas de constante aflição. Através da escrita impressa com as tintas do sofrimento, Saramago tentou dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso.

Obra assustadora, com sua feição de terror e dor, que transmite enorme humanidade cheia de sofrimento, ao passar uma imagem incompreensível do que podemos ser em circunstâncias adversas, de sua percepção do mundo transbordam sentimentos perversos, baixas gradações de nossa condição em cada cena violenta dos que perderam os rumos da vida. A escrita de José Saramago intensamente sofrida nessa obra eleva-o à dimensão dos maiores cronistas visionários da literatura ocidental, como é o caso de Kafka, Ionesco, Becket e do brasileiro José J. Veiga entre nós.

Esses narradores cheios de símbolos são cronistas do absurdo dos quais promana um tempo histórico e uma visão universal inadmissível da existência. Configura-se nas suas criações um espaço habitado pelo ser humano com seu pesadelo angustiante e opressivo.

Referências

Forster. E. M. *Aspectos do romance*, Editora Globo, Porto Alegre, 1969.

Saramago, José. *Ensaio sobre a cegueira*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

A arte de escrever e o escrever com arte

Jorge Luiz Batista dos Santos*

É de se notar que, em sociedades das mais variadas épocas e costumes, existe um conjunto de objetos aos quais os indivíduos atribuem certas qualidades que os tornam pertencentes a um universo que podemos chamar de "universo estético". Nesse universo, incluímos tanto seres naturais (uma paisagem, uma flor, um pássaro), como também objetos produzidos pelo homem, sejam objetos do uso cotidiano, produtos artesanais ou até industriais, e finalmente os produtos humanos a que chamamos "obras de arte", que ocupam, em nossa época, um lugar de destaque dentro desse rico e variado universo. Se hoje reconhecemos que existe algo assim, como um universo estético e, para ele, um modo de apropriação, contemplação ou comportamento humano específico diante de seus objetos, e se ainda nos damos conta de que, nem essa classe de objetos nem o comportamento frente a eles são estudados por nenhuma das ciências específicas que conhecemos até agora, podemos concluir que se faz necessária uma ciência especial que se ocupe de ambos, assim como das condições individuais e sociais em que ocorrem tais objetos e esse comportamento. A essa ciência chamamos de Estética, e encontramos, no mais simples dicionário, a seguinte definição: Estudo das causas, condições e efeitos da criação artística.

É bem difícil estabelecer os procedimentos para a análise desta ciência. Se for a capacidade de entender a arte e a beleza em geral, algumas questões são automaticamente levantadas: Como conceber o que é a arte no cotidiano das pessoas? Como afirmar que a percepção

* Graduado em Filosofia pela UESC. Ator e diretor de teatro.

e o entendimento artístico foram contemplados? Por que é que as pessoas, muitas vezes, não percebem que o seu universo estético é o universo das relações? Quais são os resultados sociais e psicológicos que encontraremos e podemos aguardar no desenvolvimento da sensibilização estética?

O que torna difícil a resposta a todas essas perguntas é o fato de a arte, em seu mais puro estado, ter uma natureza multifacetada, isto é, poder interagir com diferentes pessoas e, até mesmo, com uma pessoa só, em diferentes níveis e de diferentes maneiras. É nesse sentido que a contemplação estética pode ser vista como uma estratégia mental independente da obra de arte. Sem desconsiderar, é claro, o potencial existencial da obra de arte em si mesma.

O questionamento que precisa ser feito com mais urgência é: O que é arte e por que precisamos dela? A experiência estética é importante, para cada indivíduo, na medida em que ele pode associar uma nova emoção a uma nova forma visual, musical, ou teatral, obtida a partir da obra de arte. A emoção nova se constitui ao lhe ser dada uma forma distinta, que torna possível refletir sobre a emoção em questão, permitindo uma interação com essa parte da vida emocional. Admitindo que a arte tem papel fundamental para a construção da nossa própria identidade, a experiência estética, por sua vez, apresenta uma importância singular para a situação existencial do indivíduo e de sua sociedade.

Do *Homo erectus*, que vagava pela terra, na pré-história, carregando seus artefatos de proteção ou adoração, até o desenvolvimento de uma linguagem mais rebuscada, cheia de signos e significados, observamos o desenvolvimento do fazer humano. Fazer que expressa uma possível arte ainda não compreendida como nova linguagem, devido às necessidades primárias de sobrevivência e, ao mesmo tempo, já presente como auxilio às necessidades urgentes. O corpo todo então, presente nas relações de aprendizagem, observa, sente, cria, desenha e caça, passa a possuir um cérebro maior. Encontramos, então, os registros da presença de um novo homo, o homo sapiens. Uma ideia interpretativa desse período pode indicar que os registros feitos pelas tribos serviam de orientação para toda uma futura geração, como ressalta Chauí (2003, p. 270):

Que dizem os desenhos nas paredes da caverna? Que os seres humanos são dotados de olhos e mãos, que por isso para os humanos o mundo é visível, e para ser visto é que os olhos e as mãos do artista dão a ver o mundo.

Dessa forma natural, estava já o homem produzindo arte e educação juntas, pois os temas do seu cotidiano, ao serem registrados ou mesmo na hora de serem confeccionados, estavam em contato com outros e, seguramente, transmitindo um saber; quando não, aprendendo juntos. Nasce o artista, a obra e a atividade diferenciadora entre os seres provenientes da mesma natureza.

Sendo assim, toda obra de arte já inclui o registro histórico do seu tempo e o anúncio do sentimento que constitui uma época, como bem define Kandisky (1990 p.27): "toda obra de arte é filha do seu tempo e, muitas vezes, mãe dos nossos sentimentos". Para ele, a necessidade de fazer arte constitui mais que uma habilidade, seria uma representação significativa do espírito humano. O artista é aquele que realiza, na arte, uma provocação de emoções delicadas que a linguagem cotidiana nem sempre é capaz de exprimir.

De acordo com a psicologia de Vygotsky (1998), a possibilidade de criar constitui-se, no desenvolvimento humano, em consonância com a constituição da consciência, e revela uma relação entre o homem e o seu entorno que supera a simples reprodução do que já é conhecido. Podemos entender, então, que no contexto histórico de objeto de contemplação, a arte passa a ser vista a partir de outras perspectivas, como a de expressão de emoções e desejos, interpretação e crítica da realidade social, inventora de procedimentos inéditos, a fim de construir novas linguagens para se estar no mundo. Tais perspectivas trouxeram uma contribuição inegável para a valorização da produção criadora.

E a arte de escrever, como está inserida nesta história? Como incluir o uso da palavra na expressão do que é o mundo subjetivo e carregado de sentido que vai além das palavras? Existe uma ciência para a arte da palavra? A literatura, enquanto parte fundamental da cultura dos povos civilizados, tem na palavra seu instrumento gerador de infinitas expressões e sentidos. Seria, então, essa arte uma imitação da vida pela palavra ou apenas a expressão dos mais profundos sentimentos? Poderia ainda a Literatura contar as mais

belas e surpreendentes histórias ou pela palavra denunciar os mais miseráveis dos episódios da vida? Para Coutinho (1978):

> A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (...) O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipulam não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro.

Criamos o mundo com a palavra e nos criamos na palavra que explode de beleza, sonho, desejo e esfinge, que também nos devora. Somos arrebatados pelos textos literários que, usando da sua função poética, diferem dos outros textos ao permitir olhar o mesmo mundo de forma diferente, sob outra perspectiva, sem, no entanto, deixar de manifestar a realidade de nosso tempo.

O artista da palavra brinca de armar e brincando cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Há inúmeros artistas da palavra. Há os que fazem sonhar, sofrer, pensar e os que fazem um silêncio ensurdecedor na vida do leitor, o que, usando o jogo de montar palavra, silencia-nos, não nos permite encontrar a palavra para representar ou expressar a experiência com o determinado texto.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico

traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos. (COLI, 1995, p. 109).

Para Graciliano Ramos, a palavra foi feita para dizer e realmente entre tantos autores será apenas a forma de dizer que os transformará em artista da palavra ou não.

O que é mais essencial na arte é a sua capacidade de transmitir significados pessoais humanos de realidade (LEONTIEV *apud* FRÓIS, 2001, p. 129). Na interação com as pessoas, a arte estabelece um diálogo de mudança. Nessa interação, o universo da arte apresenta-se como um microcosmo de significados vivos do mundo, que estão além de um simples texto informativo.

Ao enriquecer seu mundo interior, onde imagem do mundo e representação do mundo se fazem presentes, o diálogo com a arte escrita permite ressignificar a imagem do mundo para o mundo em si. A arte de escrever e o escrever com arte se realizam quando a leitura traz prazer, incorpora novas perspectivas, permitindo que os humanos tornem-se menos submissos e passivos na sua própria vida. Prova incontestável presente na escrita de Guimaraes Rosa, Clarice Lispector, Adonias Filhos, Raduan Nassar, Valdelice Pinheiro, entre tantos outros da literatura brasileira.

Referências

COUTINHO, Afrânio.1978. **Notas de teoria literária**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CHAUÍ, Marilena.2003.**Convite à filosofia**. São Paulo — SP: Editora Ática.

COLI, Jorge. 1995. **O que é arte?** 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, n.46.

FRÓIS. João Pedro, (Coord.). **Educação estética e artística — Abordagens transdisciplinares**. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte**. Trad. Álvaro Cabral e Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia da arte**. — tradução Paulo Bezerra. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Poemas iberoamericanos

Carlos Felipe Moisés*

Tendo estreado como ficcionista em 1979, com *Os brabos*, Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, Cyro de Mattos deu já amplas mostras de seu inegável talento, somando até agora quatro volumes de narrativas curtas, entre os quais se destaca *Berro de fogo* (1997), Prêmio da Academia Pernambucana de Letras, e o romance *Os ventos gemedores* (2014), Prêmio Literário Nacional do Pen Clube do Brasil 2015. Mas a poesia é que tem merecido, desde sempre, a sua atenção maior. Entre a estreia, com *Cantiga grapiúna*, em 1981, até *Poemas da terra e do rio* (2015) são já quinze volumes de versos, publicados no Brasil, vários deles premiados e reeditados, com larga repercussão, como é o caso de *Vinte poemas do rio*. O reconhecimento que tem merecido pode ser avaliado pela quantidade de traduções de sua obra e por sua participação em dezenas de antologias, de poesia e prosa, organizadas no Brasil, em Portugal, Alemanha, Itália, França, Espanha, Chile, Rússia, Dinamarca, México e Estados Unidos. Se somarmos a isso a sua intensa atividade como autor de literatura infantojuvenil e como cronista, teremos o retrato fiel de uma vocação multifacetada, em sua louvável dedicação à criação literária, em vários quadrantes.

O poeta Cyro de Mattos volta agora a público, com este *Poemas iberoamericanos* (Editora Palimage, Portugal, 2016), coletânea que reafirma o que sua poesia tem de mais regional e, simultaneamente, de mais universal. No prefácio à edição portuguesa de *Vinte poemas do rio*, Graça Capinha confessa que, tendo ouvido dizer que a poesia

---

* Doutor na área das Letras, da USP. Crítico e poeta premiado.

do escritor de Itabuna é "a voz profunda da Bahia", não hesitou em associar dialeticamente essa ideia ao seu oposto, isto é, à hipótese de um universalismo "em si". A prefaciadora começa por afirmar que suspeita "sempre de poetas a reclamar universalismos essencialistas", para em seguida acrescentar a ilação consabida: "o verdadeiro e único universalismo possível é aquele que parte da experiência íntima do lugar que gera a criação". Está nesse caso a poesia de Cyro de Mattos.

O que temos na presente coletânea é o surpreendente (para alguns) consórcio entre regional e universal, a confirmar a justeza da observação de Graça Capinha. Itabuna, Ilhéus, Salvador, Lisboa, Coimbra, Salamanca, Toledo são os cenários de predileção do poeta, explicitamente referidos, poema a poema, e aí aparecem como que entrelaçados, submetidos ao mesmo olhar inquieto, que incessantemente luta com as palavras (como diria Drummond), no encalço da poesia comum que seus versos possam captar. Para além dos localismos mais ou menos exóticos, o *lugar* da poesia é qualquer lugar onde o poeta circunstancialmente esteja, disposto a permitir que a "cor local" se transforme em paleta multicolorida — como o faz, com maestria, o poeta de Itabuna.

Caminhando por becos, vielas e ladeiras de Coimbra, por exemplo, onde "as andorinhas no céu azul propõem outra manhã de verão", o poeta vive a sensação de que está, ao mesmo tempo, com os pés e a alma no cálido chão da sua Itabuna, no sul da Bahia; alguns passos e um poema depois, "À beira do Mondego", a visão do rio estrangeiro se confunde com a lembrança viva do bem amado rio que atravessa a sua terra natal. O poeta sabe que "lá e cá dois rios escorrem na memória líquida do eu". Onde quer que esteja, o que o move é a mesma "saudade de água na pedra". Por isso não hesita:

> Submerso no curso invariável
> deixo que vá meu verso-água
> [...] solidões que me atravessam.

"Andante do efêmero", seja em Itabuna, em Coimbra ou em Salamanca, Cyro de Mattos sabe: a geografia não passa de circunstância provisória, a acenar insistente, e a seduzi-lo, com a magia do "eterno

que passa". O que conta para valer é o inarredável apego à terra, de onde lhe vem a certeza de que carrega "no peito os bichos meus irmãos" e de que as "noites amenas vertem espaçonaves", mas vertem também "margaridas, boninas, girassóis". Insuflado pelos ventos e pela água comum, que escorre sem cessar, o apego à terra se multiplica na afetividade das homenagens que rende a poetas, escritores e artistas, todos amigos queridos, "lá e cá", para além das circunstâncias de tempo e espaço: Gonçalves Dias, Drummond, Jorge Amado, Adonias Filho, Manoel de Barros, Álvaro Alves de Faria — no Brasil; Camões, Bocage, Fernando Pessoa, Antônio Salvado, Amália Rodrigues, Jorge Fragoso — em Portugal; Fray Luís de Leon, García Lorca, Rafael Alberti, Alfredo Pérez Alencart, Miguel Elías — na Espanha.

Em Salamanca, "escondido no esplendor da mãe-terra, entre penas e versos comoventes", o poeta convida seu amigo, o também poeta Alfredo Pérez Alencart, a "atravessar as águas tristes, fundas, em conversas com o vento" — o mesmo vento responsável pela "aventura", pela "esperança" e pela "ilusão", do poema que abre a coletânea; o mesmo vento que aprendeu a amar quando perambula com Adonias Filho por atalhos baianos, esse "vento de amanhecer [que] sopra avenidas em mim".

A referência às "avenidas" enseja uma observação a respeito do conflito campo x cidade ou Natureza x Civilização, na poesia de Cyro de Mattos, um conflito latente, mal insinuado nestes *Poemas iberoamericanos*. Seus versos mais tocantes e inventivos, como os até aqui transcritos (e muitos outros poderiam ser acrescentados) parecem brotar espontaneamente da terra, do ar, das águas, de onde o poeta extrai a massa vocabular e as imagens "campestres" que formam a substância de quase todos os poemas. Já o cenário urbano não desperta nele a mesma comovida empatia de que é alvo a paisagem natural.

O poeta não esconde sua preferência pelo *campo*. Não chega a ignorar a *cidade*, mas esta aparece muito escassamente, quase sempre só de passagem. O leitor que se disponha a cavoucar pacientemente, poema a poema, à procura de referências ao cenário urbano ou à civilização da máquina, encontrará tão só um ou outro vocábulo, uma ou outra frase nominal, que não chega a se desenvolver: "cidade de

metal / buzinas / espaçonaves / passeio esburacado / vielas, becos, ladeiras, sobrados / sarjeta" etc. Quando a referência é um pouco mais desenvolvida, a conotação é invariavelmente negativa, como no fecho do poema sobre a cidade de "Salvador da Bahia": "Teu ano de todos os santos canta no *asfalto* com mágoa". Ou como no poema que trata das misérias da "Pátria amada", assim definida: "palco do canto rouco desse olho triste no pão, o outro na *televisão*".

Com isso, o poeta parece atender ao antigo ensinamento horaciano, que recomenda "fugere urbem", a fim de experimentar, na comunhão com a Natureza, a sonhada vida ideal, livre de perturbações e desassossego. Mas, poeta moderno que é, Cyro de Mattos sabe que o desassossego é incontornável, faz parte integrante da condição humana. Conquanto siga, a seu modo, a lição de Horácio, nosso poeta não arreda pé da cidade, ciente de que ali mesmo encontrará, e só ali, a desejada comunhão. Neste passo, o poeta do sul da Bahia se irmana a Cesário Verde, "que andava preso em liberdade pela cidade [...] e por isso tinha aquela grande tristeza / que ele nunca disse bem que tinha, / mas andava na cidade como quem anda no campo" — conforme sabemos desde que Alberto Caeiro o descobriu.

Nas três seções em que se divide o livro, a voz do poeta canta sempre a vitória da comunhão e da fraternidade, seja com a Natureza, seja com os homens, a ostentar em seu centro irisado o poder encantatório da poesia:

> Rio acima o sonho flui.
> [...]
> Tudo o que sei de mim
> por terra, ar e mar,
> flutua nas espumas.

Estes *Poemas iberoamericanos* em boa hora nos trazem de volta o poeta de Itabuna, cidadão do mundo, na posse de sua arte discreta e verdadeira.

Aspectos polêmicos da aposentadoria compulsória

Sônia Carvalho de Almeida Maron*

Somente o ex-professor, aposentado compulsoriamente por ter atingido a idade limite dos 70 anos, pode avaliar o que significa o chamamento do ex-aluno que reverencia o passado, buscando o apoio da mão que sempre esteve estendida para transmitir a experiência e a sabedoria que somente a idade e a vocação do docente que ingressou na sala de aula despojado de qualquer vaidade ou projeto pessoal pode oferecer. Aqui estou a convite de dois ex-alunos: Paulo Afonso Andrade Carvalho e Guilherme Scoffield. É impossível declinar o convite de ex-alunos, por mim considerados como uma categoria especial de filhos.

Usando a lição de Karl Engish, sempre procurei transmitir aos meus alunos que "um direito justo faz parte do sentido do mundo". E continuando a repetir o pensamento do grande mestre alemão, lembraria suas palavras em *Introdução ao pensamento jurídico, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian,* 6. ed. p. 12:

> As razões deste desinteresse do leigo pelo Direito e pela ciência jurídica são fáceis de descobrir. Com efeito, nenhum outro domínio cultural importará mais ao homem do que o Direito. Há na verdade pessoas que podem viver e vivem sem uma ligação íntima com a poesia, com a arte, com a música. Há também, na expressão de Max Weber, pessoas "religiosamente amusicais". Mas não há ninguém que não viva sob o Direito e que não seja por ele constantemente afetado e dirigido.

* Juíza de Direito do TJBA aposentada, ex-professora de Direito na Universidade Estadual de Santa Cruz.

E nesse mundo do Direito, conhecer e valorizar o passado é essencial. É o único meio que temos de construir uma nova história sem repetir os mesmos erros. Aos mais velhos ficou reservada a tarefa de corrigir a trajetória dos jovens, quando eles permitem, apontando atalhos que suavizem a caminhada, evitando descaminhos ou animando-os a enfrentar novos desafios. E aqui estou, com o mesmo carinho, gratificada com o convite e convencida de que valeu a pena, durante 16 anos, viajar em ônibus-leito todos os fins de semana, para encontrá-los na sala de aula sexta-feira à noite e sábado pela manhã. Promovida para a entrância especial (denominação da época), minha prioridade era voltar a Itabuna para ministrar aulas e receber o salário inferior ao da minha cozinheira; justifica-se o registro porque sempre a contemplei com dois salários mínimos, transporte, cesta básica, medicamentos, consultas médicas particulares, quando necessário, presentes nas datas comemorativas etc. etc. À época, o salário do professor assistente não alcançava o salário base e as vantagens elencadas da minha "chefe de cozinha".

Encontramos bacharéis em Direito dos Ministros do STJ aos advogados, serventuários da justiça com graduação em Direito, detentores de cargos efetivos ou comissionados nos três poderes, empresas, instituições diversas, sociedade organizada, formadores de opinião nos órgãos de comunicação da imprensa livre e independente. É significativa a responsabilidade que assumimos na vida social. Não seria exagero reconhecer que o mundo não seria o mesmo sem a nossa efetiva participação. Fazendo coro à afirmação de Karl Engish, fazemos parte do sentido do mundo. Como agentes transformadores, como fiscais da lei, como aplicadores e intérpretes da lei, como peças fundamentais na teoria dos "pesos e contrapesos", na relação independente e harmoniosa com os poderes irmãos.

O tema que me foi destinado (a PEC da Bengala) conduz ao túnel do tempo. Estamos na década de 70. Em 1974, primeiro vestibular da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, instituição particular que reuniu as faculdades isoladas de Direito, em Ilhéus e Filosofia e Economia e Administração, em Itabuna. Enfrentei o primeiro vestibular da FESPI aos 33 anos, levando como bagagem o curso médio de magistério, salientando que minha formação, desde

a alfabetização ao curso médio, foi no Ginásio Divina Providência, primeiro desse nível na Região Sul da Bahia. Para discutir a aposentadoria compulsória preciso percorrer o caminho trilhado, as dificuldades enfrentadas e mãos estendidas que encontrei, muitas abrindo portas e afastando obstáculos do caminho.

À medida que os meses passavam, aumentava minha paixão pela Ciência do Direito e o fascínio do estudo conduzia a leituras intermináveis de Filosofia, Sociologia, Introdução ao Direito, Introdução à Economia, Teoria Geral do Estado em livros generosamente emprestados pelos professores, alguns meus amigos, a exemplo de Valdelice Pinheiro, Flávio Simões Costa, Wilson Rosa, Altamirando Marques, e outros que se tornaram amigos, como Francolino Neto, Érito Francisco Machado, Acioly da Cruz Moreira, Antonio Raymundo Laranjeira, José Joaquim de Almeida Netto. Eu precisava estudar por motivos pessoais graves e estudava não pela nota: precisava do conhecimento como arma para enfrentar a vida. Foi fácil conquistar a confiança dos professores através das notas; os mais sensíveis logo perceberam que eu não podia comprar livros. E nunca é demais tornar público o agradecimento àqueles que simbolizaram a luz que encontrei em meu caminho.

Optei por um concurso público e até hoje acho que fiz a escolha acertada. Apesar de aposentada, ainda guardo do magistrado a mesma imagem transmitida por Piero Calamandrei em seu livro *Eles, os Juízes, vistos por nós, os Advogados,* Ed. Clássica, 7ª ed. p. 31:

> Quando te encontro no meu caminho e me curvo com respeito, há no meu cumprimento o calor do meu fraternal reconhecimento. Sei que és a guarda e a garantia de tudo quanto de mais caro tenho no mundo. Em ti saúdo a minha honra e a minha liberdade.

É uma imagem romântica, dirão vocês. Mas eu sou uma romântica incurável quando o assunto é o Direito, as pessoas que se dedicam ao estudo dos seus princípios e normas e seus intérpretes e aplicadores. Antes da análise que pretendo fazer da emenda constitucional que dilatou o tempo de serviço dos membros da Suprema Corte, que vai balizar, com certeza, as reivindicações dos Tribunais e Juízes

do primeiro grau, devo confessar que a minha esperança é que se estenda ao magistério superior.

Quero ressaltar que não é pelo fato de ser uma velha senhora que defendo a extensão do tempo de serviço de determinadas categorias profissionais por mais cinco anos. E estou muito à vontade em meus argumentos porque deixei a carreira de magistrada do Tribunal de Justiça da Bahia ao completar o tempo de serviço exigido de 30 anos, averbando tudo o que podia ser averbado. E o fiz exatamente quando meu nome passou a figurar na lista dos juízes aptos a disputar o quinto constitucional, já convocada para substituir no Tribunal. Saí voluntariamente, por escolha e convicção de que meu tempo havia chegado ao limite, ao meu limite. Já a aposentadoria como professora da UESC efetuou-se por imposição da lei e foi dolorosa, deprimente. O professor, aos 70 anos, tem muito da sua experiência para transmitir. O afastamento imposto atinge como se fosse um castigo. Não exagero ao afirmar que depois de uma vida dedicada ao ensino, à formação de novos profissionais, aquele que passa a receber a alcunha de "septuagenário" tem a sensação que se transformou, de um dia para o outro, num traste velho atirado ao lixo em uma faxina. E, como se não bastasse, é remetido a outra categoria denominada "inativos". Como se a "ação"permanente em que sempre viveu, compulsóriamente passasse a "inação".

A elevação da idade para aposentadoria compulsória é assunto recorrente no legislativo nacional, várias vezes discutido e votado sem sucesso. Retornou à pauta recentemente no primeiro semestre do corrente ano, de forma isolada, através da PEC 42/2033, de autoria do Senador Pedro Simon. Aprovada, converteu-se na Emenda Constitucional nº 88, publicada no Diário Oficial da União de 08.05.2015 alterando o art. 40 da Constituição.

A decisão do Senado fez nascer duas correntes diante do fato consumado: os mais rigorosos entendem a emenda claramente inconstitucional e muitos argumentos partidos de juristas e magistrados destacam cinco aspectos negativos na modificação do critério. Em primeiro lugar, é apontada a possibilidade de estagnação da jurisprudência dos tribunais superiores; em segundo, viria o engessamento das carreiras; em terceiro, o aumento das despesas da

previdência por fomentar as aposentadorias voluntárias; a seguir, o obstáculo ao desenvolvimento gerencial de órgãos do Poder Judiciário e Ministério Público e, como quinta hipótese de influência negativa, impediria a renovação dos quadros do Judiciário e do Ministério Público, em consonância com o sistema republicano. Destaca-se, também, o engessamento nas cúpulas, cujo efeito direto será retardar ou inviabilizar a perspectiva de progressão dos juízes para os graus mais elevados. A consequência seria o desestímulo nas instâncias inferiores, pois seus titulares ficariam longos anos com a carreira estagnada; o jubilamento tardio prejudicaria alguns, na faixa dos 60 anos, experimentados na carreira e impedidos de prestar colaboração aos órgãos revisores.

Os argumentos favoráveis apontam para o aumento da perspectiva de vida da população brasileira e a perda de grandes talentos da magistratura nacional, no auge da experiência, com enorme potencial e maturidade. Esses magistrados são obrigados a se retirar da carreira impedidos de prestar inestimável colaboração à sociedade. Para ilustrar, tomemos o exemplo do ex-presidente da Suprema Corte, Ministro Carlos Ayres. Quem assistiu as sessões de julgamento da Ação Penal 470, o lamentável "Mensalão", teve a oportunidade de comparar o desempenho do Ministro Carlos Ayres, erudito, sereno, equilibrado, impondo respeito e respeitando a liturgia do cargo, comparado ao irrequieto Joaquim Barbosa, que o sucedeu. Passamos pelo constrangimento de ouvir e ver, pelo Canal fechado da TV Justiça, bate-boca entre o presidente do poder maior e o advogado de um dos réus. Duvido muito que fato tão desagradável acontecesse sob o comando do sergipano. A impressão é que o Ministro Joaquim Barbosa tinha necessidade de exacerbar a imparcialidade exigida para afastar a suspeita de ligação com o governo federal que o indicara. É mera hipótese, é claro. Creio mais no temperamento explosivo e intolerante do ministro, inadequado ao cargo que exige absoluto controle das emoções.

Ninguém em sã consciência trocaria os votos de Celso de Melo, Marco Aurélio de Melo e Gilmar Mendes pelos argumentos de juristas que não correspondem às exigências do art. 101 da Constituição Federal. A politização do Supremo Tribunal Federal estava na

iminência de acontecer em um momento crucial para o país, o pior momento para indicações seguidas de novos nomes para vagas prestes a surgir. O período atravessado pelo país é de extrema gravidade, com a falência de valores éticos e morais, sem falar na segurança jurídica essencial à tranquilidade dos cidadãos e indispensável à paz social.

O engessamento da carreira como prejuízo causado pela nova emenda constitucional e a "oxigenação" dos tribunais como vantagem estão entre os principais argumentos usados pelos defensores da aposentadoria compulsória aos 70 anos. Não se pode esquecer que sendo muito forte a dose de oxigênio, pode comprometer os pulmões e até mesmo prejudicar gravemente o tecido pulmonar levando à morte. É o perigo que correm muitos Tribunais excessivamente oxigenados...

Seria ingenuidade afirmar que a emenda constitucional não obedeceu às circunstâncias atuais enfrentadas pelo país. Com o desgaste dos poderes executivo e legislativo exibidos ao país, ao vivo e a cores, como quadrilhas organizadas para saquear os cofres públicos, não seria o melhor dos momentos para fragilizar, ainda mais, o poder que resta e, apesar de casos pontuais, transmite relativa segurança e esperança de correção de rumos. Em momento de dúvida e insegurança, crise econômica e política, valores morais e éticos agonizando, a dose seria muito forte se cinco ministros do Supremo, confiáveis e cultos, fossem substituídos por nomes escolhidos pela chefe de um governo com índices altos de rejeição. Existem fases da história de um povo nas quais Direito e política se transformam em gêmeos siameses. "Para bem de todos e felicidade geral da nação", parafraseando D.Pedro I no "Dia do Fico".

Inegavelmente somos um país que acredita na lei como uma panaceia capaz de curar todos os males: da peste bubônica da Idade Média ao câncer da atualidade. A lei, para nosso poder legislativo, é o santo remédio capaz de curar todas as mazelas da sociedade. A lei faz e desfaz. Afinal, a lei sempre foi o instrumento preferido dos poderosos de plantão. Principalmente eles, os poderosos, ignoram que a lei (principalmente a lei penal) é a última *ratio.* O tempo, este sim, é o supremo juiz, vai curar as feridas, apontar e corrigir os erros. E o próprio Supremo será incumbido de cumprir o seu papel no momento em que estiver investido da prerrogativa de pesar e medir

os desvios de conduta de quem quer que seja, seja qual for o Poder. É a materialização da teoria dos pesos e contrapesos, assegurada pela democracia. Sem esquecer da função de uniformizador da jurisprudência e supremo árbitro dos conflitos. Diante de uma Suprema Corte digna, incorruptível, corajosa e imparcial, tudo volta à paz da segurança jurídica.

Resumindo, o melhor é ficarmos com a mensagem de Eduardo Couture, no *4º Mandamento do Advogado:*

> Luta. Teu dever é lutar pelo Direito, mas no dia em que encontrares em conflito o Direito e a Justiça, luta pela Justiça!

Ainda sobre a redução da maioridade penal

Carlos Valder do Nascimento*

Constitui uma covardia a insidiosa campanha desencadeada pela mídia contra crianças e adolescentes sem precedentes na história da tipificação de fatos delitivos capazes de ensejar punições no campo criminal. A divulgação sistemática e repetitiva de possíveis infrações por eles cometidas certamente objetiva incutir no seio da sociedade que são os únicos responsáveis pela violência que grassa pelos quatro cantos do país. Para tanto, vale até distorcer a realidade fática para incriminá-los, mesmo sem qualquer justificativa em que possa se apoiar.

Tal evidência, tem que há um propósito de fortalecer a cultura equivocada do encarceramento em voga na atualidade, cujo fracasso demonstra a impotência dos poderes públicos para enfrentar essa problemática, especialmente do chamado crime de colarinho branco, fruto da politicalha que contaminou os poderes da República. Alguns defendem a pena reducionista da idade por desinformação, e outros por má-fé, ambos com a vontade de que os jovens se tornem párias sem rumo certo e, portanto, indignos da convivência social.

Soma-se a esse clima a recente decisão tomada pela Câmara dos Deputados, presidida por um deputado reacionário e conservador, diga se de passagem, demagógica, desprovida de qualquer respaldo na Constituição, d redução da maioridade penal dos menores em nada muda esse panorama. A inimputabilidade é uma garantia inscrita no núcleo imodificável do texto constitucional, assim, não pode ser

* jurista de reconhecimento nacional. Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz. Publicou dezenas de livros de Direito.

quebrada pelo "poder reformador." Não é de se estranhar que essa prática, movida apenas pelo emocional, descompromissada com a seriedade requerida, afeta, em razão de sua gravidade, a dignidade da pessoa humana.

Questão dessa envergadura merece estudo aprofundado de um grupo multidisciplinar em busca de um desfecho compatível com a dimensão de sua complexidade. É necessário pensar-se na efetiva possibilidade de recuperação dos jovens infratores, contribuindo para o seu amadurecimento mental e intelectual. Nessa linha de pensamento, dispensam–se as considerações apressadas, o tratamento discriminatório, preconceituoso e desumano a uma mente ainda em plena formação.

Os jovens são vítimas da própria família desestruturada, da sociedade que lhes é hostil e da incúria do Estado, principalmente. Todos, aliás, desatentos ou mesmo omissos ao seu dever moral de ao menos apontar-lhes caminhos. São frutos da indiferença, do desamor e da sua condição social ultrajante imposta pelas vicissitudes da vida. São sobreviventes desse mundo conturbado pela fome, desemprego, degeneração do meio ambiente e atingidos pela crise de valores que vivenciamos. Nesse universo de contradições, perambulam pelas ruas, aliciados pelos delinquentes contumazes, estigmatizados pela sorte, desorientados, sem horizonte nem futuro.

O problema não se resolve apenas pelo ângulo jurídico que por si só não tem o condão de equacioná–lo. A solução ideal reside no processo educacional, onde eles, dentro de padrões razoáveis, possam ser socializados a fim de que, no futuro, sejam cidadãos prestantes. Somente através de políticas públicas bem planejadas por experts do assunto poderão se salvar, jamais pelo endurecimento das penas, ou pelo encarceramento precoce, porquanto soluções paliativas, propostas de maneira açodada pelo Legislativo (síntese de corrupção e incompetência), pela população desinformada da realidade cambiante, ou mesmo pelo processo legislativo contaminado pelo credo do *fundamentalismo da lei* fundado no mais deslavado obscurantismo eleitoreiro.

POESIA

Um canto de domingo

Aleilton Fonseca*

Um som me acorda no domingo de manhã,
neste dia que se esparrama ensolarado,
e me toca numa palavra jamais vã,
sobre a quietude deste longo feriado.

Desperta-me para a vida um som elevado,
não é roncar de carro, rugir de avião.
Eu me levanto, abro a janela, o cortinado
e gravo o canto leve que me vem do chão.

Não me encantam estas janelas bem fechadas
de prédios que me parecem estar vazios,
tampouco o silêncio gritante das fachadas,

Nem a solidão rasteira dos casarios,
tampouco os rastros de ruas abandonadas,
mas o concerto lírico de um passarinho.

(Pituba, Salvador-Bahia, 19.4.2015)

* Escritor e poeta, Aleilton Fonseca é Doutor na área das Letras pela USP.

Dois poeminhas

Valdelice Pinheiro*

Carambola

Se a carambola
tivesse dedos
tocaria Mozart,
certamente.

África

Um dia eu nasci
na África
mas me roubaram
da África
e roubaram
a África
de mim

* Poeta e cronista, Valdelice Pinheiro lecionou na Faculdade de Filosofia da UESC.

Dois poemas

Florisvaldo Mattos*

À porta esperando a chuva

Quebro o espelho, mas se mantém a imagem.
Livro-me de histerias e queixumes;
levanto os olhos para o teto, penso.
Vejo colinas, bosques, águas, flores,
um terreiro longínquo, uma pastagem,
verdes que precipitam cacauais.
Vem anunciando chuva benfazeja
um vento forte e novo, bem diverso
do que desce da serra quando calmo,
este que agora as telhas injuria,
atravessa ruidoso as quatro portas
do armazém de secos e molhados
e em mim bate na tarde pressurosa,
que me instiga a viver o já vivido.

Nomes que guriatãs cantavam

Onde estarão Vavá, Neném, Namir,
Vande, Miro e Carlito de Mãe-Dé?
Seus nomes ainda ecoam nas ramagens,
transitam por galhardas serranias,
sobem e descem íngremes ladeiras
e, reis do mato virgem, nele somem,
e mais que seja, sem nenhum cansaço.
Dormindo estão num tempo que não passa,
estirados na relva. Os alçapões
em ramos onde pássaros chilreiam
aguardam mãos de sonho em outro sonho.
Vou pegar a capanga e vou lá dentro,
por pântanos e roças de cacau,
recorrer armadilhas, graça e glória
aos olhos de meninos, que solfejam
com sorrisos a música dos ramos.

---

* Florisvaldo Mattos nasceu em Uruçuca, antiga Água Preta. Jornalista e poeta. Publicou uma dezena de volumes de poesia, com destaque para *A caligrafia do soluço e Mares anoitecidos*.

Dois sonetos

Cyro de Mattos*

Do vício incurável

É na capanga do tempo que guardo
Este soneto com o vento fazendo
Surpresas nos quintais, a cada instante
Como sonho na manhã verdejante.

Vê-se logo, de tudo um pouco tendo,
Só quer expressar alguns sentimentos
Que por dentro e fora ferem momentos
Vindos de seres e coisas do mundo.

A forma nele mostra-se imperfeita,
Sem brilho, vem de minha alma sedenta,
Não cabe no engenho da natureza.

Leve o tempo nas asas fuga certa,
Eterno sábio no que se sustenta,
Em mim é como os vícios da beleza.

De que nada sei de mim

Afirme-se que ninguém está inteiro,
A vida é falha pra qualquer vivente;
Viver é perigoso, diga-me o ente
Que no espelho acumula outro janeiro.

Sem saber de onde é que procedo, e sou,
Sem desvendar o porto pra onde vou,
Nem adotar o acaso na questão.
Existe muita coisa entre céu e chão

Do que diz nossa vã filosofia.
Afirme-se inda mais, tudo no homem
Passa. Seu dilema com a passagem

Oscila entre a razão e a fantasia.
Ser, não ser: do começo até o fim
Para saber que nada sei de mim.

---

* Cyro de Mattos é escritor e poeta. Da Academia de Letras da Bahia. Um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna. Membro efetivo do Pen Clube do Brasil.

Dois poemas

Renato Prata*

Soneto do estranhamento

O homem santo, se tanto
Não veste senão a canga
E traz vazia a capanga
O pó da trilha por manto

Transpira luz na manhã
Mas se ele brinca de estátua
Com essa postura fátua
Seria o santo tantã?

O fato me desconcerta
Pois em tal pose de asceta
Alguém se ausenta de si.

Eu, giro, entre semelhantes
Reflito espelhos instantes
Restauro o que não vivi.

Incenso

A lisonja se finge de gerânio
Senão de monja pervertida
Que te alisa o joelho
E a vida.

Esponja perfumosa
Te apaga os defeitos
Afaga-os
E descobre, bem-humorada,
O valor do teu cobre.
Aspira de tua boca
A canção que ias fazer...
Bebe teus restos de insônia.

* Renato Prata é natural de Itabuna, bacharel em Direito, publicou, entre outros, *A Pulseira do tempo* (2012) e *Mar interior* (2016).

Dois poemas

Telmo Padilha*

Sina

Quem deu a esse homem
Seu destino de homem?
E por que há de cumprir
Entre o começo e o fim
Sua jornada, exposto
À sua fração do nada?
Quem o fez pássaro
Por instantes
Para a noite que o sabe
Ausente de asas
Ante o mar que o traga?

Antes da queda

(A Emanuel Massarani)

Ou fosse a queda do pássaro, ou fosse
Em céu tão azul seu canto abafado;
Ou no seu desprender-se o infinito
Desejo insopitado de um grito;
Ou fosse a dor de não contê-lo
Em minha mão, antes da queda,
Fosse o que fosse, um presságio
De mim se apossou: por que detê-lo
Ao rapto desse azul infinito,
Se maior que o dele era o meu grito?

* Telmo Padilha é autor de *Noite contra noite* e *O anjo apunhalado*. Com o Voo *absoluto* conquistou o Prêmio Nacional de Poesia do Instituto Nacional do Livro.

Dois Poemas

Ceres Marylise Rebouças*

O tempo não para

Os sonhos que no tempo iam ligeiros
e eram companheiros de espera,
foram sendo aqueles os primeiros
da infância em tons de aquarela.

Não havia caminho entrecortado;
somente um sonho era pretendido:
o tempo do futuro desejado
no mundo para mim desconhecido.

O tempo que jamais para seu passo
passou rapidamente em meu caminho,
levou meus despertares ao ocaso,
impondo restrições devagarinho.

Passaram minha infância e juventude
e a solidão se fez amiga inseparável.
A vida, então, aos poucos, perdeu brilho,
e o tempo foi ficando insuportável.

Quem disse que a esperança é verde?

Esperança tem a cor azul do céu
quando amanhece limpo e luminoso
como um sorriso inocente de criança.

Esperança tem a cor branca da neve
dormindo sobre os cumes das montanhas,
livre e bela como o canto de um pássaro.

Esperança tem a cor de onda do mar
navegando sob o ritmo dos ventos
sem quebrar a persistência de existir.

Esperança é a criança abandonada
esculpida ou desenhada sem imagem
que hoje vive de esperas e demoras.

Esperança é o grito na garganta
construído na constância das ausências
dos que sonham com o verde nas auroras.

---

* Ceres Marylise Rebouças é autora de *Atalhos e descaminhos*, poesia. Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a cadeira que tem o poeta Abel Pereira como patrono.

Convicção

Ariston Caldas*

A vida é assim mesmo, meu amigo:
A gente nasce e morre num instante;
Esta é a recompensa, este é o castigo,
Que nos espera pouco ou mais distante.

Nem nos vale o beijo quente da amante
Nem a bênção mesquinha do mendigo;
Até o santo amor, agonizante,
Terá seu fim no fundo do jazigo.

Nós somos tudo, meu amigo, enquan to
Nos olhos vivos nos ocorre o pranto
Ou nos lábios um sorriso de alento.

Apenas o consolo que nos resta
É de sabermos que, depois da "festa",
Mergulhamos de vez\ no esquecimento.

* Jornalista, nascido em Uruçuca, Ariston Caldas publicou, entre outros, *Mar distante* e *A hora sem astros.*

Do amor

Hélio Nunes*

... e apesar da noite
descer fria e tranquila e
sem astros,
trazemos sóis que antecipam
o amanhã.

Ardem estrelas em nossas mãos
que se procuram.
Ardem estrelas.

Nossas bocas pronunciam
palavras que se
abraçam, como velhas amigas.
... e nossos lábios festejam
o amor
que amadurece como doce fruto.

* Nascido em Aracaju, viveu em Itabuna onde exerceu o jornalismo. Em seu único livro, *Pássaro do amanhã,* predomina o verso como um pacto em que a paz e a oportunidade para os desvalidos buscam desfazer manchas que nos ultrajam. (CM)

Solidão

Firmino Rocha*

Ele de repente solidão.
O coração.
Nem mesmo a cantiga triste.
Nem mesmo os doídos adeuses.
Nem mesmo o contido pranto.
Solidão. Solidão.
Sozinho de tudo.
O coração.

* É autor de *O canto do dia novo* e *Momentos*. Poeta de versos simples, ritmo musical, conhecido na cidade de Itabuna, onde nasceu e faleceu, como o poeta do povo por ser de fácil compreensão sua poesia. (CM).

Dois Poemas

Ruy Póvoas*

Clamor

Oh, Oxalá!
Ensina a gente se re-ligar
ao divino e eterno *ori.*
Ensina a evitar o ato
que atrai dores,
sofrimento e penar.
Faz acontecer,
na vida da gente,
motivos para sorrir,
comer, beber, dormir,
gostar de viver e sonhar,
cantar teus cânticos,
gozar os espaços
e dar a mão ao outro
na dança da vida,
ser visto e enxergar.
Dá compreensão
no corpo,
na mente,
no espírito,
no coração.
Faz a gente renascer,
para te vivenciar.

Ladainha

Oyá,
minha mãe,
vendaval da minha cabeça,
me apareça em brilho e luz.
Com a verruma do tempo,
me estabeleça
acima de minhas cercas,
por cima do que seduz.
Me arrebata aos teus céus,
mas me devolve ao paraíso
contido em mim mesmo.
Toma tua espada de fogo,
risca um traçado
e faz estrada para além
de minhas gavetas
emperradas e repletas.

No fio da seda que me tece,
desenrola meu destino
e me faz ficar adulto
sem deixar de ser menino,
para eu ver sonoridades
e escutar os horizontes

Com teu grito que sacode
os pilares de meu mundo,
profundezas do sonhar,
vem, Oyá,
grande rainha.

Na velocidade de teu raio,
me parte esta neblina
empedrada em esquina
tão difícil de dobrar.
Me segura em tua mão
de mulher nova, decidida,
Mãe do Fogo
Ialodê, Ialafin,
Grande Onirá.

Teu nome é chave mágica
e me faz abracadabra
para eu me desvendar.
Vem, Oyá,
Senhora minha,
me acalma a ventania,
confirma os meus caminhos,
onde eu possa me aprumar.

* Ruy Póvoas é contista, poeta e babalorixá. Professor da UESC. Com *Itan dos mais velhos* ganhou o Prêmio Estadual Xavier Marques da Academia de Letras da Bahia.

Novo tempo

Delile Oliveira*

Olhar debruçado no tempo,
irreversíveis mutações,
constatação de paradoxos,
miséria, Ciência e fome.
O verdadeiro torna-se falso
sem contestação.
Axiologia sem escalas.
O homem enquanto ser
poderá não ser,
sendo.
Hoje, sua vida e privacidade
não são mais
inteiramente suas.
O sigilo inerente a ele
não é mais seu.
É quebrado em sua função social!
A pequenez do homem
é revelada pelas máquinas pequeninas,
imensas na comunicação e poder.
Perplexo, o homem vê
o Planeta Terra
em segundos.

A comunicação oral
desnecessária se torna,
pelo toque dos dedos,
atingindo, em segundos,
homens, em confins do mundo!
O homem e a máquina
se bastam.
Só resta a prospecção,
o destino da humanidade.

História, ontem, pelas sandálias
pisadas no chão da terra.
Amanhã, outro palmilhar
nas poeiras estreladas,
nos espaços siderais.

* Delile Oliveira é graduada em Pedagogia. Uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia em Itabuna.

FICÇÃO

Itan: O segredo do outro

Ruy Póvoas*

Contam os mais velhos que, naquele tempo, Oxóssi ainda andava pelo mundo caçando. Um dia, ele encontrou um moço bem no fundo da mata virgem, completamente despido, embaixo de uma árvore enorme. Mas Oxóssi é caçador e não é dado a conversa comprida, nem muito menos a querer saber da vida dos outros. Atento aos sinais como ele só, Oxóssi viu que o moço tinha ares de nobreza. Também viu um *ebó* que o moço tinha depositado ao pé da árvore. No ebó, tinha as roupas e os pertences do moço. Tinha até uma faca, a única arma que o moço possuía. Esse moço era Otim.

Acontece que Otim estava ali, fugindo da civilização. Ele sempre foi arredio e não gostava de sair de casa, nem da companhia de ninguém. As pessoas viviam infernizando sua vida, criticando sua maneira de ser e numa eterna insistência para ele sair de casa, passear, fazer amizades. E não aguentando mais aquela situação, Otim resolveu partir às escondidas e se embrenhou na mata.

Tomado pelo cansaço, pela fome e pelo sono, Otim passou uma madorna debaixo da árvore. Aí, ele teve um sonho. Uma voz dizia que ele fizesse um *ebó* com tudo que ele carregava e oferecesse debaixo daquela árvore. Assim mesmo ele fez, ficando despossuído de tudo. Foi quando apareceu Oxóssi, o Grande Caçador, carregando várias caças abatidas.

Aí Oxóssi apanhou a faca que estava no *ebó*, preparou uma roupa com peles das caças que trazia, e deu ao moço para ele se

---

* Contista, poeta e babalorixá. Professor da UESC. Com *Itan dos mais velhos* ganhou o Prêmio Estadual Xavier Marques da Academia de Letras da Bahia.

vestir. Cortou pedaços de carne, fez fogo e preparou comida para ele e Otim. Depois, Oxóssi fez uma cabana e ficou uns tempos por ali, caçando. Otim resolveu, então, permanecer com ele. Oxóssi ficava calado e Otim, completamente em silêncio, observava tudo que Oxóssi fazia.

Oxóssi fazia arcos, preparava as flechas, treinava vezes sem conta, atirando em alvos difíceis. Fazia as armadilhas para pegar os bichos, preparava a comida, mantinha a cabana em ordem. Otim foi passando de simples observador a ajudante. Com o tempo, Oxóssi passou a dividir as tarefas com ele.

Quando Oxóssi percebeu que Otim já sabia fazer um bocado de coisas, partiu para outro lugar e Otim seguiu seus passos. O rapaz fino e educado, arredio, de gestos comedidos foi se transformando num verdadeiro caçador, homem da mata. E Oxóssi nunca lhe fez pergunta nenhuma sobre sua vida e por que tinha resolvido viver na mata. Nem sequer comentou nada, quando surpreendeu, um dia, Otim tomando banho num riacho. O mistério de Otim então apareceu: ele era homem, mas tinha um corpo de moça. Mais ainda: tinha quatro mamas. E isso tinha sido causa de seu sofrimento, se escondendo do mundo. Oxóssi nada disse, nada comentou, nem mostrou espanto. Aí, Otim perdeu a vergonha de ser como era, se aceitou e passou a conversar.

Um dia, Otim disse a Oxóssi que já estava pronto para seguir seus próprios caminhos. Agora, ele se conhecia e sabia lidar com os outros, porque tinha aprendido a lidar consigo mesmo. Ambos se despediram e cada um seguiu adiante, sozinho. Mas até hoje, eles se encontram de vez em quando, para caçar juntos. Por causa disso, muita gente confunde os dois como se fossem o mesmo caçador, apesar de serem tão diferentes.

Pois é: **o outro deixa de ser estranho, quando é recebido naturalmente.**

Tio Raul

Aramis Ribeiro Costa*

Não tenho uma única fotografia do tio Raul, porém basta-me fechar os olhos e pensar nele, para vê-lo como se o tivesse diante de mim. Baixinho, franzino, moreno, quase sem cabelo, os olhinhos muito vivos, feio como um amendoim cozido encruado, e silencioso. Constrangedoramente silencioso. Arrancar uma palavra do tio Raul era uma tarefa praticamente impossível, no máximo mastigava um pouco a língua, com as gengivas quase sem dentes, e grunhia um: *Hum*. Hum, era tudo o que dizia tio Raul, e com esse *Hum* queria dizer muitas coisas, sim, não, talvez, quero, não quero, estou gostando, não estou, estou indo.

Tio Raul nos aparecia com certa frequência em nossa casa. Vinha sem avisar. Falava com cada um de nós silenciosamente, beijando cada um na face, e depois se sentava no sofá e ficava nos olhando com seus olhinhos miúdos. Não pedia nada. Se lhe oferecíamos um cafezinho, aceitava com um sorriso de satisfação. Mas aceitava o que lhe oferecêssemos, suco, chá, biscoito, bolo, ou mesmo água gelada. Creio que aceitaria também com grande satisfação um golinho de cachaça, ou de qualquer outra bebida forte. Mas não tínhamos bebida alcoólica em nossa casa, nem forte nem fraca. E oferecíamos o que tínhamos. Tio Raul não se demorava. Ficava uma hora, no máximo duas. Depois, fazia:

— Hum.

---

* Ficcionista importante da Bahia. Publicou, entre outros, *Episódio em Curicica* (2001), novela, e *Reportagem urbana* (2008), contos. Exerceu por duas vezes a presidência da Academia de Letras da Bahia.

Já sabíamos que a visita se encerrara. Tio Raul levantava-se, beijava cada um de nós na face e partia. Sabíamos onde ele morava, mas, nenhum de nós jamais havia ido à sua casa.

Foi quando, naquele Natal, pensei no tio Raul. Ele jamais nos aparecia no Natal, e jamais pensávamos nele nessa época do ano. Então, dei-me conta de que não tínhamos a menor ideia de como tio Raul passava o seu Natal. Viúvo sem filhos, funcionário público municipal aposentado, tio Raul vivia sozinho no seu pequeno apartamento de um quarto desde que tia Vadinha, a mulher dele, morrera subitamente, ainda muito moça. Tínhamos pouca recordação dela, apenas lembrávamos que tia Vadinha era tão sem graça e tão silenciosa quanto tio Raul, talvez por isso eles se houvessem dado tão bem. E sobre a sua morte súbita e prematura nada sabíamos, eu particularmente lembrava apenas de minha avó comentando:

— Vadinha morreu tão moça! Coitado de Raul!

Tio Raul era tio de minha mãe, irmão de minha avó materna, que também já havia partido. Dessa forma, tudo o que sabíamos de tio Raul vinha daquelas silenciosas visitas periódicas e sem aviso, que nada, absolutamente nada, nos informava sobre a vida dele. Então, naquele Natal, pensei no tio Raul.

Fazíamos o Natal com muito ruído. Além de juntarmos a família, de decorarmos a casa, tínhamos sempre a mesa farta, trocávamos presentes, ouvíamos música, conversávamos animadamente, dançávamos. Ao contrário de todas as tradicionais sugestões de Natal, quando até as músicas de ocasião são melancólicas, o nosso era sempre muito alegre e muito animado. Não quis tomar a decisão sozinho. Consultei a família:

— O que vocês acham de convidarmos o tio Raul para passar o Natal conosco?

O silêncio que recebi em resposta foi pesado. Ninguém teve coragem de se opor abertamente, mas também ninguém defendeu aquela ideia aparentemente absurda. Não insisti na pergunta, mas fiquei com aquilo na cabeça.

O Natal se aproximava, com os preparativos habituais. Naquele ano havia motivos especiais de alegria, porque quase toda a família havia realizado algo que desejava. Comemorávamos um emprego,

uma vitoriosa dissertação de mestrado, uma boa recuperação de uma doença grave, e até o nascimento de um novo membro da família, que apenas mamava e dormia, mas que já faria parte do buliçoso encontro natalino. E ninguém, absolutamente ninguém além de mim, pensava no tio Raul e seu desconhecido Natal. Eu, entretanto, não conseguia esquecê-lo.

Na antevéspera do Natal, ao sair do escritório no final do expediente, a ideia do convite me voltou muito forte. Havia, por toda a cidade, uma demonstração ostensiva do chamado "espírito natalino". As pessoas, parece que se adocicavam, demonstravam uma bondade para com o próximo que certamente não teriam em seu cotidiano. Então, automaticamente, dirigi o carro para o bairro do tio Raul.

Embora nunca tivesse estado em sua residência, eu sabia perfeitamente quais eram a rua e o prédio, porque no tempo de minha avó eu a havia deixado ali algumas vezes, para visitar o irmão. Tinha a impressão de que sabia até o andar: terceiro, porque o pequeno prédio não possuía elevador, e minha avó sempre se queixava de ter subido três andares de escada, sempre que ia visitá-lo. E dizia, entre penalizada e aborrecida:

— Não sei como Raul aguenta subir aquelas escadas.

Era um edifício modesto, de três andares, numa rua de bairro também modesto. Não tinha portaria, mas um homem de meia-idade ali estava com uma vassoura nas mãos, varrendo vagarosamente a pequena entrada do prédio, como se não tivesse pressa em encerrar o expediente e ir-se. Era, muito claramente, um funcionário do condomínio. Alguém que devia fazer aquele serviço há muitos anos, certamente em troca de um salário mínimo. Desci do carro, perguntei:

— O senhor sabe quem é o senhor Raul?

O homem parou o trabalho e confirmou com a cabeça:

— Sei, sim senhor.

— O senhor sabe dizer se ele está?

— Ele saiu — afirmou o homem.

— Saiu? Tem certeza?

— Saiu, sim senhor.

— Sabe dizer se ele vai demorar?

— Não sei, não senhor.

Por uns instantes ficamos em silêncio, o homem parado e aguardando, com a vassoura quieta numa das mãos, e eu pensando. De repente, o homem perguntou:

— O senhor quer deixar algum recado?

— Não — respondi. — Obrigado.

De fato, eu não queria. E foi com certo alívio que retornei ao carro e dei a partida. Lembrei-me do silêncio pesado em resposta à minha sugestão do convite. Não sei se os outros da família iam gostar de ter o tio Raul sentado no sofá, a nos olhar silenciosamente com seus olhinhos miúdos, em nossa noite de Natal, enquanto comemorávamos nossa alegria pelo ano bem sucedido.

Pássaro Acauã

Cyro de Mattos*

O canto agourento quando canta no galho seco. Cruz-credo, não sossega, com que insistência magoa o peito. O tempo anuncia com estiagem demorada, canta perto e longe. Céu de fósforo o amanhecer, forno quente no poente. Bocas na amplidão de fome e sede. Os pais, a mulher, os filhos pequenos, todos ouvindo o canto atanazado, ferindo os tímpanos. Manhãs e tardes. O pai: Não esmoreça nem desespere. Espere que cante no galho verde. Lembre disso: No galho seco é do demo. No verde, canto bendito, o melhor tá pracontecer. O céu junta fiapos de nuvem no começo. Não demora de escurecer o teto. Vem chuvisco de primeiro, chuva de segundo, no fim aguaceiro. Relâmpago, trovão, temporal. Vento valente vira vendaval. Terra e água, uma só liga, mundéus. Quando o sol então abre o olho, a flor brota do chão humoso. Tronco morto vira árvore, o gavião rei amanhece. Pelos ares circulam cantos, nas folhas o brilho dos pingos, no seio da natureza generosa tudo é festejo.

Atravessar males da estiagem, ouvindo o canto agourento, veja que Deus tarda, mas não falha, eis que um dia vem cantar no galho verde. Bom lembrar que acontecerão as flores, virão pra compensar os sentimentos esvaídos quando o canto é triste, repetido. O pai ouviu isso do avô, que ouviu do bisavô, que ouviu do trisavô, que ouviu do tetravô, que ouviu do tempo infindo.

Crendice besta de velho sem juízo. Fizera pouco dos ditos, os ouvidos entupidos praquele tipo de iludição. O que existe mesmo

---

* Escritor e poeta. Da Academia de Letras da Bahia. Um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna. Membro efetivo do Pen Clube do Brasil.

pro pobre é trabalho muito e o pouco de-comer, vidas secas, destino. Pobre nasceu pra ter na vida só secura, foi o que se deu com o pai, a mãe, os irmãos pequenos. Como dói olhar as cruzes deles nas covas junto do lajedo. Lembrar dos corpos com pele e osso. Olhos mortiços.

Agora enfrenta essa estiagem braba há quase um ano. Nada pode fazer. Como brasa céu e margem. A história novamente acontece. Canto, encanto, desencanto. Frutos murchos, folhas mortas, choro com mudos mugidos. Ele e o deserto, só deserto. Ares da morte nas pedras, tocos, troncos. Diabo de canto resinguento. E ainda o coro dos filhos nos pedidos: "Tou com fome, tou com sede." Surdo ele, muda a mulher. O coração de cada um doendo, a fome roendo nas tripas.

Quem tem medo de acauã?

Rumores, clamores, tremores: humanos anseios. Sonha com a chuva, no íntimo querendo ver a flor, o fruto, pegar o verde. Inundar o olho alegre pela terra como brasa verdejante, de tanta beleza e brilho. A-c-a-u-ã, a-c-a-u-ã, a-c-a-u-ã, o canto do Cão no arvoredo seco. Tenso apalpando, segue ouvindo, desespero no corpo, raiva marca o ritmo da mente. Mira perfeita, dedo no gatilho, a bala certeira bem no peito do bicho. Como se saísse pela sua goela seca, latejando ódio, vendo o bicho cair junto aos pés. Troço nojento, tão ruim quanto veneno!

Quem falou que emudeceu? Na serra, baixada, jaqueira no terreiro. Depois do acontecido, mais cantou. Que estranha magia rege este canto secreto? Psiu, veja, homem de Deus, chuvisco, daqui a pouco chuva, em pouco tempo aguaceiro. É mesmo?

De cara virada para o céu, chumbo, a chuva como chumbo batendo na terra, o pai não disse? Esqueceu? Por que não quis ouvir o que os mais velhos bem conhecem? Encharcando-se, sentado no cepo do ipê, lambendo os pingos. Do estômago à boca há um gosto diferente. Sal de lágrima misturada com a água que cai do céu preto. Escorre abençoada por entre rachaduras, afasta noites mal-dormidas, ele todo febrento. Não é que o bicho cantou no arvoredo verde? Enfim, os olhos com visões alegres: capim chovido, a natureza toda alaridos.

Solitário, cabisbaixo, a tristeza de dentro dele quer saber: O que é, o que é, põe o sol como hóspede no arvoredo seco, esperança no galho verde quando quer?

A noite envolve o casebre com as paredes de adobe, exala seu cheiro cheiroso de terra molhada. Ferrado no sono. Decerto um canto propaga-se no sonho, atravessa caminhos sob o silêncio da noite turva. Preserva o mistério das falas nos caminhos do tempo. Sabe o flagelo do sol, o prazer da chuva.

De jejuns, de água. Desencanto ou encanto. Lá fora na trégua, em silêncio por enquanto. Eta mundo assombroso, regido por esse pássaro de canto duplo, a carregar na capanga do tempo inquietações. Propósitos, perigos, desígnios. Clarezas e escuridões. Medos tantos.

OUTROS TEXTOS

A lírica de Plínio de Almeida

Carlos Eduardo Passos*

Ninguém duvida do toque mágico que proporciona a poesia. E aquele a quem os fados concedem tal dom, pode-se dizer como J. Goucourt, in verbis: "*O poeta é um homem que sobe a uma estrela com escada de corda e tocando violino*."

Comprova, supracitada a afirmação, o poema de Manuel Bandeira:

O Rio

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas."

Dessa maneira, poesia e interpretes se confundem num crisol perfeito. Na realidade, a harmonia lírica só se produz de forma adequada quando o bardo revela emoção e sensibilidade, elementos nem sempre favoráveis ao protagonista da *ars poiesis* (arte poética)!

O poeta chileno Pablo Neruda estampa com fidelidade tudo que se se referiu atrás. Veja-se, por exemplo, no poema:

* É um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna. Promotor de Justiça do Estado da Bahia.

A Morte

Negrura luminosa que virás algum dia
Cortar o raizame de nossas soledades
Para comunicarmos com a imensa harmonia
Pressentida a partir de nossa eterna maldade.

(Tanto perfume vão de rosas e de rosas
Que se faz transparente, sem sentir a ansiedade
Suprema de calar-nos essas terrenas cousas
E nos levar caminho afora à tua bondade!)

Entretanto, uma vez que sentimos o perfume
De tua boa vinda, e já que tu nos resumes
Todas as ansiedades da nossa plenitude

Terás de vir aladamente e muito logo
E nos dar com teus lábios esse beijo de fogo
Que vagamente então se mudará em quietude...

Como remate, o poema de Firmino Rocha:

Tua Flor Amanheceu

Poeta, afugenta este receio
Tua flor amanheceu.
Amanhã ela alcançou,
Álacre e perene,
Guardando para o teu poema
As doçuras,
Os mistérios todos
Da noite que tanto amastes.
O luar, o orvalho, o silêncio,
Os gestos das adolescentes,
As claridades e as mensagens
De todas as estrelas,
Tua flor amanheceu
E amorosamente te espera.

Plínio Sérgio de Almeida nasceu na senhorial cidade de Santo Amaro da Purificação da Bahia, em 9 de setembro de 1904, vindo a falecer em Itabuna, no dia 26 de setembro de 1975.

Realizou os estudos fundamentais em sua terra natal. Posteriormente, no Rio de Janeiro, fez o curso livre da Escola Nacional de Belas Artes, após o que, foi à Europa, onde visitou diversos países.

Retornando ao quadrante verde-amarelo, implementou exposições e laborava na imprensa, por onde passava, aproveitando-se da experiência adquirida nos jornais "A Tarde" e no "Diário de Notícias", de Salvador.

Fixou domicílio na vetusta Santo Amaro. Ali lecionou História e Geografia no Ginásio local. Era também o redator-chefe do jornal oficial do município.

Aportou em Itabuna em 1952. Lecionou no Ginásio Firmino Alves, na Escola Técnica de Comércio e no Colégio Divina Providência. Mas não se esqueceu da atividade jornalística, exercida no "Diário de Itabuna" e em "O Intransigente", bem como no "Diário da Tarde", de Ilhéus.

A política partidária o seduziu. Assim, por duas vezes, foi eleito vereador na cidade das "pedras pretas", sempre com expressiva votação.

Não se olvide a participação ativa de Plínio na vida cultural do sulbaiano, como exemplifica sua fecunda presença na Academia de Letras de Ilhéus, da qual foi um dos fundadores.

O mesmo pode ser dito da radiofonia, onde pontificava no horário das 13h, na Rádio Jornal de Itabuna, lendo suas bem urdidas crônicas via programa "Nós pensamos assim".

Plínio de Almeida, pensador celebrado, orador grandioso, vate admirado. Com efeito, sempre encontramo-lo na inquietude dos inumeráveis quadrantes literários. Ora vindo do Romantismo, ora transitando pelo Modernismo. Portanto, não se deteve em nenhum gênero literário.

Nada melhor que o toque da poesia pliniana, exemplificada em alguns poemas abaixo dispostos:

Soneto Azul

Sonho azul, vestido em azul celeste,
E que desce do céu de azul turquesa
Peço ao mar azul que venha e me empreste
Estro para eu cantar a tua beleza.

Se de azul a montanha se reveste
Sob a pompa do azul da natureza
Que, fluidificada em azul, investe
Os paços azulinos da tristeza,

Penso na graça azul do teu sorriso
E através dele o céu azul transponho
E entre flores azuis lá te diviso.

Vestes no céu um manto azul safira,
E me beijas, amor, somente em sonho
Sonho feito de azul, de azul mentira.

Asas

Asas cortando o espaço em busca do infinito...
Sobem, ébrias de sol, a um céu de primavera.
Ei-las, que lá se vão, num bailado que é rito
E, aérea, doce oferenda à deusa da quimera.

Ei-las, tontas de luz, soltas na azul esfera,
Longe do pó do chão, longe do chão maldito,
Onde o homem, a sofrer, luta e se desespera,
Sufocando no peito o espocar do seu grito:

Asas, leves, sutis... alcandoradas asas,
Que buscam pela altura o condão da poesia,
Livres da podridão dos charcos e das vasas:

Altas, assim, eu hei de sempre vê-las,
Asas do meu sonhar, asas da fantasia,
Conduzindo minh'alma ao paço das estrelas!

Inocência

Enquanto as nuvens despejavam torrentes
E as águas dos rios cresciam, barrentas,
Engolindo a cidade,
Zezinho, contente,
Repimpado na janela
Olhava as águas crescendo e rugindo...

Zezinho, de repente, olhou para o alto,
Olhou para o monte,
Onde estava a igreja
Com sua torre branca como uma alma sem pecado.

Então Zezinho falou:
Papai, quando as águas chegarem
Na torre da igreja
Eu quero um anzol para pescar piaba.

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Meus poemas preferidos**. São Paulo: Ediouro, 2002;

DELLA NINA, Aldo. **Dicionário da sabedoria**. Vol. 08. São Paulo: Edameris, 1965.

NERUDA, Pablo. **O Rio invisível**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 2004.

Plínio de Almeida. Obra reunida. COSTA, Flávio José Simões (org.). Ilhéus: Editus, 2009.

Firmino Rocha. Poemas escolhidos e inéditos. COSTA, Flávio José Simões (org.). Itabuna/Ilhéus: Via Literarum, 2008.

A ponte dos velhacos

João Otávio*

Estamos em um outono pobre em chuvas, bem diferente do ano passado e os efeitos já são sentidos, com a ameaça da falta de água causando intranquilidade pela escassez do precioso líquido; há muito que se discute a necessidade de fazer pequenas barragens ao longo do Cachoeira o que evitaria a rápida vazão em direção ao mar; o município, sozinho, não tem condições de arcar com tão custosa obra e seria necessária a participação da classe política e das entidades representativas para resolver esse problema, regularizando a vazão do rio, com vários ganhos para a população.

Fazendo a habitual caminhada vespertina pela beira-rio, deparei-me com a brusca diminuição do volume de água, não sei bem se abriram as comportas da barragem, mas o fato é que inúmeras pedras que se encontravam submersas afloraram e eis que aparece a velha e nostálgica "ponte dos velhacos", há muitos anos sem ser banhada pela luz do sol já que coberta pelas águas poluídas e insalubres do castigado rio Cachoeira, outrora limpo e piscoso, cantado em prosa e verso pelos nossos poetas grapiúnas. Quanta discussão e tantos projetos para despoluir o nosso rio, aguardando que medidas realmente efetivas sejam tomadas e o nosso pedregoso Cachoeira volte a apresentar a pujança de outrora, quando a meninada nadava em suas águas e as lavadeiras davam um colorido especial ao lavarem as roupas e estendê-las sobre as pedras.

---

* Medico conceituado no Sul da Bahia. Ex-vereador e ex-provedor da Santa Casa de Misericórdia. Assina uma coluna de artigos e crônicas no Diário Bahia semanalmente.

A visão, depois de tantos anos, da famosa “ponte dos velhacos”, levou-me, em devaneio, a um passado já um pouco distante, de uma Itabuna bem menor e muito, mas muito mesmo, mais aconchegante, com menos carros e violência mínima, tal qual encontramos em cidades de países que servem de padrão, pela civilização, pela urbanidade e pelo respeito à vida. Quantas e quantas vezes atravessei, na adolescência, a “ponte dos velhacos”, para encurtar caminho para o bairro da Conceição, principalmente para participar dos “babas” no campinho do “Fole”, onde hoje situa-se a Câmara de Vereadores.

Havia a ponte do bairro da Conceição, construída na década de vinte e que era a única ligação com a cidade; por ela passavam os poucos carros da cidade e as marinetes da SULBA,em direção a Macuco, hoje Buerarema. A ponte, com parte em cimento e parte em madeira, foi construída, justamente, para permitir aos pedestres uma alternativa em relação à estreita ponte que servia aos veículos e, também, aos transeuntes.

O folclore da cidade diz que muitos maus pagadores evitavam a ponte maior, preferindo a ponte dos pedestres, para se livrar dos credores, daí passando a ser conhecida como “ponte dos velhacos”. Eis que o progresso chega, uma barragem é construída, alguns metros à frente da “ponte dos velhacos”, que a coloca sob as águas, tal como ocorrido com dezenas de pedras a montante da barragem.

A seca que castiga a Região Cacaueira permitiu a visão da antiga Ponte dos Velhacos e, para os que aqui nasceram ou que aqui residem há muitos anos, a oportunidade de uma viagem ao passado e lembranças de momentos marcantes envolvendo a passagem por aquela inexpressiva ponte, sepultada pelas águas do Cachoeira e que agora ressurge, tal como uma fênix, não das cinzas, mas das águas do nosso sofrido rio.

O artista resgata a magia dos filmes antigos em plena era 3D

Raquel Rocha*

Um filme francês, mudo e em preto e branco. Uma fórmula que caiu em desuso há mais de 80 anos. Ainda assim, *O Artista* se mostrou capaz de fascinar o mundo. *A obra* é simples, poética, inocente, cativante do início ao fim. É um daqueles filmes que, quando chega ao final, dá vontade de todo assistir de novo.

O filme é ambientado em 1927 e versa sobre um famoso ator do cinema mudo George Valentin (Jean Dujardin) que vê sua carreira entrar em decadência com o surgimento do cinema falado. Ele é um artista de sorrisos, caretas e trejeitos, um artista da linguagem corporal, não da fala. Ao mesmo tempo em que sua carreira declina, ele vê a ascensão da jovem dançaria Peppy Miller (Bérénice Bejo) que até então era apenas uma fã e figurante em seus filmes.

O tema não é novo. *Cantando na Chuva (1952)* já tinha mostrado o dilema dos astros do cinema mudo tentando adaptar-se à nova realidade. Mas *O Artista*, lançado em 2011, consegue encantar pela profundidade com que aborda a angústia do seu personagem central, que vê tudo ao seu redor começar a produzir sons enquanto ele não consegue falar. A cena em que ele se assusta com o barulho dos objetos que ele coloca sobre a mesa é uma daquelas que se eternizam.

A paixão entre George Valentin e Peppy Miller prevalece o filme inteiro, mas de forma doce, nunca roubando a atenção do dilema central do personagem. A cena inicial em que George erra a interpretação várias vezes só para dançar mais tempo com Peppy é

* Cineasta, graduada e pós-graduada em Comunicação pela UESC. É também agente cultural.

acarretada de sutileza e graça. O cão Uggie, ao lado de Valentin todo o tempo, é apaixonante e corrobora com a mensagem do filme. Em uma das cenas, uma senhora se encanta com o cão e tece mil elogios, ao que Valentin responde "*mas ele não fala*". Esse é o ponto forte do filme, tudo se encaixa perfeitamente. Nada sobra, nada falta.

Dirigido brilhantemente pelo desconhecido cineasta francês Michel Hazanaviciu, o filme é repleto de outros atributos, os figurinos bem escolhidos, uma fotografia cheia de contrastes e a trilha sonora que dispensa, literalmente, palavras. Não estou bem certa se quem nunca assistiu ao cinema mudo, viverá com *O Artista* essa experiência de encantamento, mas pra mim, que assistia Chaplin aos 10 anos, de madrugada, com a TV no mudo para não ser repreendida, assistir *O Artista* foi como reencontrar um velho amigo que julgava morto e perceber que ele continua tão fascinante quanto antes.

Assim como *Hugo Cabret*, também lançado em 2011, *The Artist* é uma obra metalinguística e, do mesmo modo, uma homenagem aos primórdios do cinema. Enquanto o diretor norte-americano Martin Scorsese homenageia o cinema francês, o francês Michel Hazanaviciu homenageia Hollywood. O cinema nunca foi tão celebrado como nesse ano.

The Artist foi indicado ao Oscar em 10 categorias e levou 5 estatuetas: melhor filme, melhor diretor, melhor ator, melhor figurino e melhor trilha sonora. Todos os prêmios merecidos, porque é filme é encantador, charmoso, puro, bonito, mas acima de tudo é um filme corajoso. Um filme que mostra que aquilo que nos toca a alma nunca envelhece.

Amiga de ontem, amiga de sempre

Sônia Carvalho de Almeida Maron*

Sem desmerecer os amigos conquistados depois de adultos, quando a maturidade começa a imprimir um caráter seletivo às relações afetivas, nossos amigos de infância são especiais. Aquela amiga que caminhou ao nosso lado para o colégio, dividiu o lanche, posou para retratos em preto e branco na máquina fotográfica *Kodak*, cantou de mãos dadas as cantigas de roda é única, como únicos são os momentos vividos e divididos nas confidências referentes ao primeiro namorado, à primeira festa, à dor do primeiro amor desfeito. O sentimento puro e incondicional, à prova de desentendimentos, inveja ou disputas, marcou minhas amizades de infância e alcançou os cabelos brancos e as rugas, continuando igual em intensidade até o momento das lágrimas da despedida supostamente final.

Talvez a dúvida quanto à despedida imposta pela morte — se é final ou temporária — seja um meio de defesa eficaz para o sofrimento da perda. A verdade é que o lenço enxuga a lágrima que teima em cair, o tempo mitiga a dor, mas o vazio permanece quando um amigo de ontem, de hoje e de sempre se vai. Sei que vou conviver, cada vez mais, com espaços vazios em minha vida à medida que os anos avançam e vão levando os entes queridos, mas não consigo evitar a dor de mais uma despedida.

Surgiu um novo vazio em minha vida, símbolo do melhor que a colônia libanesa emprestou ao sul da Bahia definindo o perfil diferenciado e único da nossa região. As famílias libanesas que povoaram

* Juíza de Direito do TJBA aposentada, ex-professora de Direito na Universidade Estadual de Santa Cruz.

a terra grapiúna, integrando-se e amando nosso chão como seu próprio Líbano, conhecidas pelos sobrenomes de família Hage, Midlej, Maron, Haun, Atallah, Rihan, Habib, Kalid e tantos outros, deixaram marca indelével nos costumes, na culinária, nas práticas comerciais, nos exemplos de generosidade, retidão de caráter e coragem de verdadeiros desbravadores da Região do Cacau, sem falar na beleza das mulheres. É preciso registrar, como representante de tantos conterrâneos, a amiga querida que se despediu: Abla Atallah Haun.

A garota loura, alta, com jeito de candidata a títulos de beleza, tão prestigiados naquela época, tinha traços de Lady Diana e temperamento sereno e dócil; discreta, Abla pertencia ao grupo das adolescentes que estavam sempre juntas: Najla e Mary Kalid, Rosa Rihan, Marilene Dantas e eu. Todas, à exceção de Rosa, residiam na rua Ruy Barbosa. Éramos as meninas do Ginásio Divina Providência, o que contribuía para estreitar os laços de amizade e os interesses comuns.

Abla tinha o perfil de "boa moça", e não somente na aparência: não recordo uma atitude sua na convivência social ou na intimidade das amigas, que merecesse censura ou crítica. Até mesmo meu pai, intolerante e fiscalizador incansável das minhas amizades, tinha uma afeição especial pela filha de "seu" José Atallah e Dona Pequinita, julgada por ele a mais "ajuizada" do grupo. O que meu pai não sabia é que a amizade dos adolescentes do século passado era "pra valer"; justamente na casa de Abla, quando aumentava a vigilância do meu pai, aconteciam os encontros com meu primeiro namorado, sob a proteção da "amiga de fé", que escondia o casal na sala de visitas por achar injusta a oposição ferrenha ao namoro porque o rapaz, "mauricinho" e de boa família, era capoeirista famoso na academia de Mestre Bimba, em Salvador, onde estudava. Segundo meu pai, capoeira era "coisa de bandido ou quilombola". Imagine se o coroa ranzinza soubesse, na outra dimensão onde se encontra, que a capoeira virou patrimônio da humanidade!

Residindo em Salvador, há mais de três décadas, Abla sempre voltava no verão para sua Olivença tão amada, que conheceu antes da Ponte Ilhéus/Pontal e da estrada asfaltada, quando a vila vivia em paz, livre das mazelas da modernidade. Vale registrar que minha amiga, sem publicidade ou alarde, reuniu um grupo de itabunenses

residentes na capital e todos os anos, sob sua coordenação, festejava-se o aniversário de Itabuna, dia 28 de julho, com missa em ação de graças celebrada na Igreja da Vitória; na oportunidade, os convidados ofereciam donativos para o orfanato de Irmã Catarina, religiosa que conduziu um trabalho voluntário conhecido por todos os itabunenses.

Minha amiga Abla Atallah Haun representará sempre o melhor da fase dourada da minha adolescência. Nossos caminhos diferentes não foram obstáculo para a continuidade da afeição, renovada a cada reencontro. Sem a certeza de encontrá-la em Olivença, no próximo verão, minha vida fica mais triste.

Rio Cachoeira: retrato da agonia

Lurdes Bertol*

Os rios são os principais veículos de distribuição de águas e de vida no planeta Terra. Sejam eles superficiais, subterrâneos, ou, ainda, com seu curso escondido em cavernas, carregam a seiva que permite viverem os vegetais, os animais e os seres humanos. Os rios, assim como as veias do corpo, transportam e distribuem os elementos necessários para a existência da vida no planeta; carregam a água, líquido precioso, para irrigar a terra, umedecer o ar, dar vida às plantas, abastecer as cidades, matar a sede dos seres que circulam pelo planeta, lavar a sujeira, banhar e limpar os corpos suados do labor diário, refrescar os dias quentes, apagar o fogo que devora florestas, lavouras, cidades.

Gaston Bachelard já dizia que o rio não precisa ser nosso; a água não precisa ser nossa; a água anônima conhece todos os nossos segredos e a mesma lembrança jorra de cada fonte. E Mário Quintana alerta para que nunca se dê nome a um rio: sempre é outro rio a passar. Assim é com o rio Cachoeira, cantado em verso e prosa, representado em telas de artistas regionais, porém, hoje triste, doente, cada vez mais maltratado pelas cidades, pela lavoura, pelas indústrias. Já sabemos que, sem água, não há vida. Será que sabemos, ou fazemos de conta que sabemos?

O rio Cachoeira tem sua vida e percurso definidos a partir do encontro das águas dos rios Colônia e Salgado, próximo à cidade de Itapé. A partir desse ponto, num percurso de aproximadamente 50

* Professora da UESC. Doutora na área de Geografia. Autora de *A Região Cacaueira da Bahia: Dos coronéis à vassoura-de-bruxa*.

km, banha terras dos municípios de Itapé, Itabuna e Ilhéus. Neste último, suas águas misturam-se às dos rios Fundão e Santana, na localidade conhecida pelo nome de Coroa Grande, onde entrega-se ao mar. A maior parte de seu leito é rochosa, apresentando declividade acentuada e diversas corredeiras de pouca importância. Apesar de seu nome, só possui uma cachoeira de destaque, a cachoeira Pancada Formosa, situada na fazenda São Jorge, próxima à cidade de Ibicaraí, com uma altura de 12 metros.

O rio Cachoeira já se fez presente em telas, em prosa e verso, sempre ávido pela permanência em seu caminho desenhado e esculpido pela natureza, distribuindo água, vida, lazer, dias felizes. Walter Moreira (1915-1999), itabunense apaixonado por sua terra e pela Região Cacaueira, eternizou em suas telas o universo das fazendas de cacau, do rio, das praias e figuras humanas típicas (lavadeiras, baianas, canoeiros, vendedores ambulantes, entregadores de leite, os aguadeiros, os homens pisoteando o cacau, entre outros). Em especial, o rio Cachoeira sempre esteve presente em seus trabalhos, com aspecto imponente, com águas límpidas, com os canoeiros indo e vindo à procura do peixe, com os aguadeiros levando, em carotes, no lombo de jegue, "água para gasto" retirada do rio Cachoeira e "água de beber" que provinha de cisternas de "água doce". Em homenagem a esse personagem, Cyro de Mattos compôs o poema "O aguadeiro", em que diz:

> Não sei o que era melhor
> Se a água fresca e boa
> Ou a limpidez de sua voz
> Anunciando a manhã cristalina [...].

Em sua tela sobre a Ilha do Jegue, que representa a cheia de 1920, Walter Moreira retrata a ilha que hoje praticamente não mais existe. Nessa cheia, as águas subiram rapidamente, não dando tempo de retirar o jegue de um areeiro que o deixara na ilha para pastar. O jegue ficou confinado na parte mais alta da ilha durante cinco dias. A partir desse episódio a ilha, que antes era chamada de ilha do Aristeu, passou a chamar-se Ilha do Jegue.

O artista/pintor/poeta Walter Moreira queria deixar para a posteridade, pelo menos registrado na tela, na cor, no desenho, um rio que sabia não durar muito em sua beleza e vigor por causa dos maus tratos que lhe são infringidos por uma população que não sabe o valor de um rio. Um rio é uma veia que corre pelo corpo da terra. Assim como uma veia aberta leva embora a vida e traz a morte, o mesmo ocorre com as águas de um rio que não têm o devido cuidado por parte de quem delas depende para viver. Ciente da importância do rio Cachoeira, Walter justificou que

> [...]
> Retratei-o em minhas telas
> Para que ninguém tirasse você da minha cabeça
> Nem do meu coração
> Nem do coração das pessoas
> Nem do coração das crianças, principalmente.
> [...]
> Porque você foi e sempre será uma fonte natural
> Por isso insubstituível na vida dos homens.

Plínio de Almeida (1904-1975) teve seu poema sobre o rio Cachoeira representado em tela por Walter Moreira. Em um trecho do poema, Plínio diz que

> [...]
> O rio Cachoeira raivoso rebrama
> Reclama nas pedras, impando no enxurro;
> Rolando rouquenho, lá vai babujando
> Arcadas de pontes, rebelde e casmurro.
> Lá vai, cobra imensa de dorso ondulante,
> Com sobras de água enchendo os caminhos [...]
> Depois...
> Ah! depois as águas raivosas,
> As águas eternas, salgadas do mar!

Cyro de Mattos, no poema Rio morto, relembra seu tempo de menino nas águas do rio Cachoeira e lamenta a sua morte:

[...]
Eu sou aquele menino
Que engoliu tua piaba
Para ter o fôlego forte.
Eu sou aquele menino
Que pegou tuas borboletas
Nos barrancos voando em bando.
[...]
Tua morte lentamente com sede
Inventada nas bocas de vômito...
Cachoeira o teu nome
Do rio que chora água.

Atualmente, o rio Cachoeira encontra-se degradado, com presença constante de baronesas, plantas que indicam alto teor de poluição. Se o rio é nosso, por que não cuidamos dele? Se cada município cuidasse do pedaço do rio que passa pelo seu território, teríamos um rio limpo, feliz da vida, distribuindo benesses a todos os que dependem dele. Há alguém ou algo que não dependa da água? É tão difícil assim entender isso? Com vontade política e a colaboração dos habitantes das fazendas, sítios, cidades que se encontram ao longo de suas margens e de seus afluentes, suas águas poderão novamente oferecer condições de, ao rio Cachoeira, de voltar à vida que lhe foi ceifada por quem dele depende, ou seja, todos nós.

Bibliografia

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MATTOS, Cyro. *Vinte poemas do rio*. Ilhéus: Editus, 2001.

ROCHA, Lurdes Bertol. *O centro da cidade de Itabuna* trajetória, signos e significados. Ilhéus: Editus, 2003.

ROCHA, Lurdes Bertol; ELISABETE Moreira. *A cidade em tela — Itabuna e Walter Moreira*. Ilhéus: Editus, 2010.

Cinquenta anos de poesia maior

Ruy Espinheira Filho*

Em julho passado houve data importantíssima para a poesia brasileira: os cinquenta anos de estreia de Florisvaldo Mattos em livro — *Reverdor*, hoje um clássico incontestável. Não o comprei no lançamento, mas estive na porta da livraria e acompanhei o grande evento que reunia o que havia de melhor da literatura e da arte da Bahia. Não comprei porque, ainda estudante secundarista, só via algum dinheiro quando aparecia a mesada familiar — não propriamente uma mesada, pois não chegava todos os meses e, além do mais, era coisa bem pouca família imensa, imensos gastos, não podia ser de outra forma. Em suma: sem dinheiro para a compra do livro, fiquei só na porta, observando...

Eu já era leitor e admirador de Florisvaldo desde quando, no início dos anos 60, em Poções, o poeta Affonso Manta me deu para ler o número 16 da revista *Ângulos*, da Faculdade de Direito da UFBA, onde apareciam Carlos Aniso Melhor, Florisvaldo Mattos e Jair Gramacho. Naquele 1965 de *Reverdor* eu já era amigo de Anísio, amizade de poesia e boemia, principalmente na rua 28 de Setembro, onde ficava o bar de Secundino. Tempo inesquecível numa Bahia mágica...

O que eu mais conhecia de nome era Florisvaldo, que já surgira também como grande nome do jornalismo. Jair Gramacho jamais conheci pessoalmente, mas fortaleci a minha admiração, iniciada com a sua descoberta na revista, ao ler *Sonetos de Edênia e de Bizâncio*. De Anisio saíram dois livros, *Canto agônico* (Civilização Brasileira/

* É ficcionista e poeta consagrado. Professor aposentado da Universidade Federal da Bahia e membro efetivo da Academia de Letras da Bahia.

Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982) e *Espelho das horas*, já depois de sua morte, organização de Maria Cesário Alvim, Sylvia Maria Trusen e Paulo Nazareth, edição da Fundação Cultural do Estado da Bahia/Secretaria de Cultura e Turismo, 1998. De Gramacho li só mais umas poucas produções publicadas por Florisvaldo, quando brilhante editor do importantíssimo suplemento A Tarde Cultural. E de Affonso Manta, a cujas escassas publicações já ninguém mais tinha acesso, pude organizar antologia representativa de sua carreira poética, publicada em 2013, na coleção Mestres da Literatura Baiana, no convênio Academia de Letras da Bahia/Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, impressionando muito alguns dos melhores leitores do país, que nunca tinham ouvido falar dele.

Bem, a vida literária de Florisvaldo Mattos foi — e continua sendo — mais rica e consistente do que a de todos eles. Apesar do longo e vastíssimo trabalho como jornalista, de repórter de vários jornais a editor-chefe de A Tarde, além do admirável tempo (13 anos e meio) editando o suplemento cultural, publicou vários livros de poemas e ensaios, indo da temática social à literatura de poetas como Sosígenes Costa, passando por grandes nomes como, entre outros, Baudelaire, Kaváfis, Jorge Luís Borges e Antonio Machado.

Florisvaldo Mattos é hoje, sem nenhuma dúvida, um dos maiores nomes da poesia brasileira. A inspiração (as Musas são apaixonadas por ele...) e o domínio técnico de sua arte são impressionantes. E daí nasce grande arte, desde o exemplar soneto lírico aos poemas mais vastos e até de alta categoria épica. De Uruçuca para o Mundo e para a Imortalidade, salve Florisvaldo Mattos, poeta maior!

Por água abaixo

Celina Santos*

Uma espécie de antiprofecia se cumpre no sul baiano, porque a região do mar enfrenta uma seca semelhante à do sertão. A população vê os rios, cujas nascentes não foram preservadas, secarem. Enquanto isso, a peregrinação por um balde de água é cercada de absurdos que fazem dos cidadãos — e do poder público — vítimas e vilões de um filme indesejável, mas real.

O "sul", como é chamado no restante do estado, lamentavelmente, amarga o mesmo dissabor experimentado com a crise do cacau. Na linha do *Titanic* ("ninguém afunda esse navio"), imperou por aqui a ideia de que nada abalaria a produção do "fruto de ouro". E não havia um "plano B". Da mesma forma ocorreu com a chuva.

Acreditou-se que a água seria para sempre farta, que "São Pedro" abriria as torneiras, tal como nos tempos dos "atoleiros" nas estradas. A exemplo do que houve com a cacauicultura, não foi elaborado um plano alternativo para compensar uma eventual escassez hídrica. A situação afeta um grande número de cidades, a ponto de ser decretado "Estado de emergência" em muitas delas.

Contudo, a realidade de Itabuna, maior município sul-baiano, traz um recorte ainda mais grave. A cidade, com cerca de 220 mil habitantes, ouve há mais de 20 anos a promessa de que uma barragem no rio Colônia iria corrigir o já irregular abastecimento de água, impulsionar a vinda de indústrias *etc*. O assunto, certamente, integrou o programa de vários candidatos a prefeitos, deputados e governadores.

* Pós-graduada em Jornalismo e Mídia pela UESC. Chefe de Redação do Diário Bahia.

Ocorre que, agora, os tanques dos bairros nobres ficam vazios na maior parte do mês; algo, até então, mais frequente na periferia. E o pior: a água chega com 13 vezes mais sal do que o mínimo aceitável para consumo humano. O orçamento das famílias, por sua vez, pode ficar 13 vezes mais alto. Afinal, é preciso pagar pelo líquido inadequado e também por galões de água supostamente própria para ser ingerida.

Esperamos que a obra da barragem, reiniciada neste momento em que a crise arrastou o problema para cima do tapete, não encontre, novamente, entraves no sombrio universo das licitações. Porque, na prática, é inadmissível ver uma cidade de médio porte depender apenas da chuva para ter água a ser distribuída. É, no mínimo, arcaico demais para o "pós-moderno" século 21.

Voltando à dupla vítima-vilão, há de se convir que a falta d'água balance o cidadão, para que reveja a maneira como usa o bem mais fundamental à vida. Em Itabuna, segundo a Emasa, 50% do total distribuído se perdem pelo caminho. Parte desse volume (32%) é atribuída ao desperdício "nosso de cada dia", além das ligações irregulares (gatos). O restante fica na conta das perdas ditas naturais (???) ao processo de captação e distribuição.

Até que chegue uma solução, seguem os protestos alimentados com fogo, que demanda uma infinidade de litros de água para ser debelado. Dentre tantos "senões", urge a necessidade de começar um trabalho eficaz para recompor as matas ciliares que circundam as nascentes e tentar ressuscitar os rios.

Ah! E prossegue a expectativa (sempre ela!) de que o poder público finalmente faça o "dever de casa" e providencie os investimentos necessários para ampliar a captação. Finalmente, carecemos todos de um novo começo, sob pena de continuar vendo mínimas necessidade básicas — comer, beber e tomar banho — escoarem "por água abaixo".

Elogio ao Cronista

Margarida Fahel*

Depois do prefácio de Aleilton Fonseca não resta fácil dizer algo novo sobre este "Com o mar entre os dedos", do jornalista e escritor Antônio Lopes. E não falo do cronista cotidiano de jornal (sem qualquer desmerecimento ao jornal, obviamente!), mas do cronista e crítico literário. Sem quaisquer segundas intenções, pelo fato de Antônio Lopes viver aqui em nossa "província" Sul da Bahia, digo que Antônio Lopes faz crônica da melhor qualidade, quaisquer que sejam os parâmetros e exigências que se queiram listar.

Acredite, Antônio Lopes, do alto de sua modéstia: não se considere a milhas, nem a metros sequer, de distância do Braga, do Paulo Mendes Campos, do Sabino ou do tão atual Veríssimo. Sua crônica é rica em humor e ironia, o que deve constituir, mesmo, a essência do gênero, e que constitui a polpa de suas linhas e entrelinhas. Sua crônica é erudita e popular; é culta e regional. Ela fala do homem e de suas dores; do homem que somos todos, e daquele que você é, em particular. Do longo itinerário de suas leituras, da listagem mais "importante" até a alma do povo insuflada nos cordéis, se faz sua crônica. Você brinca com as palavras, mas brinca porque sabe brincar: virá-las ao avesso, pescar aqui e ali suas várias faces e jeitos. Seus usos e seus desusos. Suas grandezas escondidas, suas malandragens explícitas. Você sabe o que diz, como diz e por que diz.

Porém, encanta-me especialmente a alma que elas revelam! Desculpe-me, você que é dado a esconder-se! Elas revelam um menino,

* Romancista e analista literária. Professora aposentada de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz.

aquele do Rio Macuco, que teimou em não crescer. Que sábio que ele é! A sua crônica revela a alma boa, ainda pura, do jornalista talvez descrente, mas que nem por isso lançou a espada de combate. Revela e, por isso, luta, "mal rompe a manhã", por um mundo mais puro, mais ético, mais belo, mais generoso. Luta com a arma que tem, a palavra, por um mundo, por um país, o nosso, mais leal e mais digno. Esse nosso país, mergulhado em violência, desonestidade, superficialidade e encantado pela deusa mídia, a TV à frente, que se enfia em nossas casas, e nos diz como devemos agir, como devemos amar, que música escutar, que roupa vestir. E quase não nos deixa espaço para o pensar ou o próprio sentir.

Sua crônica revela, desculpas, volto a pedir, um menino saudoso dos amores perdidos e daqueles que nunca serão encontrados, pois — quem sabe! — nem mesmo tenham existido. E, assim, você vai, entre burlesco e filósofo, como convém, brincando com o leitor, ou com sua "gentil leitora." Entre sério e jocoso, entre reflexivo e ameno, fazendo-o interrogar-se (o leitor) quanto aos ardis do tempo, a sabedoria aprendida, os sonhos perdidos. E vai se fazendo grande, você, o cronista, cantando o seu Rio Macuco, lembrando a conhecida metáfora de Heráclito, aquele famoso pelas águas que passam e nunca serão mais as mesmas. Por vezes, fazendo-nos lembrar do Rio Tejo, tão grande, belo e histórico e o pequeno rio de Fernando Pessoa, aquele de sua aldeia… E ganha Pessoa e ganha você, Antônio Lopes, pois o Tejo não é mais belo que os seus rios nunca esquecidos. O seu rio, o do nosso cronista, eterno e vivo dentro dele, é alimento! Como ele mesmo diz: "Gostar do meu rio me faz humano (…)." E o cronista vai, como mágico que encanta plateias, tirando do seu baú de lembranças, baú tesouro, eu chamaria, coisas nele escondidas e que em nós também se revelam, como naquela "Conversa de homem e árvore." Bebendo na "obra-prima da MPB romântica" está, a meu ver, uma" joia rara" (E desculpo-me pelo lugar-comum, pois sei que de lugares-comuns o nosso cronista foge às léguas. É que, algumas vezes, o tal lugar-comum é o único que nos acolhe para dizer o que queremos. O cronista sabe como se sofre para escolher palavras!). Em sua análise "sentida" da música de Humberto Teixeira — Luís Gonzaga (1948), Antônio Lopes retoma o tema tão grato do homem

em seu diálogo com a natureza, e realça a força da cultura popular, no caso a nordestina, a propriedade de nossa fala, aquela tão pouco hoje vista, que não era grosseira e dúbia, mas reveladora de sentimentos profundos, de almas e dores. E, então, vai desembrulhando riquezas tão pouco lembradas e tão pouco agora escutadas, nestes tempos de palavras que perderam o sabor e as verdades intrínsecas que nelas se ocultam.

E, indômito, às vezes, gentil, muitas outras, por momentos, até irado, o cronista segue sempre a manejar a língua com destreza sutil. Vai "derrubando bastilhas", entre nostálgico e filosófico, entre didático e casual. Brincando com a semântica, espremendo-lhe sucos e caldos, experimentando seus variados gostos e cheiros, suas inusitadas cores e formas, falando suas verdades que, quase todas elas, são de todos nós. E, entre suavidade e luxúria, entre deboches e enigmas ele vai nos fazendo rir, sorrir, chorar, esmurrar, protestar, sonhar, gritar, valsar e recordar… E, na aparente inocência dessa brincadeira, vai nos alertando para os ardis do tempo. Tempo que nos engana, se não aprendermos, e talvez nunca consigamos, a dele não exigir muito. Talvez o que possamos fazer, como ele, o cronista, é guardá-lo em sua fantástica passagem: sempre indo, vindo e ficando, em ondas que não se perdem.

Portanto, leiamos com vagar e cuidado este muito belo "Com o mar entre os dedos." E estejamos certos de que, ao final, muito mar, muito rio, muitas lágrimas, talvez até cachoeiras escorrerão de nossas faces ali retratadas.

E, finalizando, Senhor Cronista, obrigada pelo repetido "gentil leitora" (E isto dá crônica…). Em nome de todas nós, sem ter procuração, ouso agradecer. É bom ver que ainda há "gentis cavalheiros".

E isto era para ser uma resenha e virou uma crônica. Culpa do cronista!

Jupará

Rilvan Santana*

Não o conheci pessoalmente. Depois de adulto vi sua fotografia em um semanário da cidade. Era um gigante, um quasimodo à Notre Dame de Paris do genial Vítor Hugo, um monstrengo. Não sei, também, se sua alma era tão feia. Sei que ele fazia parte do perigo imaginário de todas as crianças de Itabuna e das cidades vizinhas, principalmente quando uma mãe queria pôr limite na desobediência do filho: — se não tomar o remédio vou chamar Jupará! — Aí, o horror invadia o pobre coitado e ele tomava até óleo de rícino (um laxativo que o indivíduo enguia os bofes para tomá-lo), um remédio que era usado para purgar todas as lombrigas e parasitos do intestino da criançada.

Jupará era um mal necessário. Naquela época, o meio rural era inacessível para carros. Não havia estrada, eram os ramais e os caminhos que davam acesso às fazendas e buraras de cacau. Eram os burros e os cavalos, os meios mais usados de transporte. Os fazendeiros preferiam os burros por serem animais mais argutos e por terem uma sensibilidade e um faro aguçados para o ataque imprevisível de animais nocivos ao homem, como os picos-de-jaca, as jararacas, as onças e outros animais não menos nocivos e nem menos ferozes. Além disso, ninguém tinha coragem para colocar sobre a sela de um animal, um caixão-de-defunto e embrenhar-se, à noite, mata adentro como fazia Jupará. Ele prestava esse serviço fúnebre no meio rural, na periferia da cidade, com tanta presteza e doação na hora da dor e perda de um ente querido, que para aquela gente sofrida, Jupará era um ser querido e disputado.

---

* Graduado em Filosofia. Escritor e editor do site “O Saber Literário”.

Era uma ave agoureira, tinha um instinto tão apurado que descobria um moribundo a quilômetros de distância. E, quando ele começava a rondar a casa de um doente terminal, tinha-se certeza que o desfecho era iminente. Às vezes, ele era evitado por muitas famílias supersticiosas.

Havia um boato que Jupará era um necrófilo, tinha uma atração sexual mórbida por defunto. Que muitas virgens tinham sido defloradas depois de mortas. Ninguém sabe se esses boatos eram verdadeiros, todavia, eles povoavam o imaginário daquelas pessoas simples e supersticiosas.

Naquele tempo não havia sala de velório. O corpo era velado na sala da casa da família. Quando ocorria um velório de um indivíduo abastado, a família contratava duas ou três carpideiras que, com seu choro triste e as ladainhas cantaroladas, formavam um cenário lúgubre e melancólico.

No meio da noite, a família do falecido distribuía bebida alcoólica e comida aos presentes, era muito comum ouvir a expressão: "Vamos beber o defunto!" Quando era uma família muito religiosa, ao invés de bebida alcoólica, servia-se suco de fruta, café, bolo de aipim, bolo de ovos ou bolo de puba; então, biscoitos e torradas.

Conta-se que Jupará tinha sido contratado para levar um caixão-de-defunto numa fazenda cinco ou seis léguas distantes da cidade de Itabuna. Quando deixou a cidade, já anoitecendo, embrenhou-se mata adentro, mas era uma noite de breu, dentro de uma mata fechada, ficou sem norte. Abriu a tampa da urna funerária, deitou-se dentro dela, colocou a tampa por cima e adormeceu.

Pela manhã, quando os trabalhadores, em fila indiana, apontaram na vereda, para podar os cacaueiros e fazer o serviço de broca para novas plantações, avistaram de longe o caixão-de-defunto à beira do caminho. Numa reação instintiva e medrosa, começaram a esgueirar-se e passar por longe da estranha e indesejável peça mortificante. Quando todos já tinham passado e estavam a duas varas de distância, de repente, levanta-se aquele gigante do caixão funerário e grita com eco:

— Eh! Vocês têm fumo aí? — Foi como se tivesse tido um estouro da boiada, como se o diabo tivesse aparecido em pessoa. Largaram facão, foice, enxada, estrovenga, tudo no chão, partindo dispersos dentro da mata, levando nos peitos tudo que encontravma. Soube-se depois que alguns trabalhadores ficaram tão estropiados que ficaram alguns dias de molho, sem trabalhar.

Doutra feita, ele passou a noite sozinho velando o corpo de uma pobre viúva que não tinha filhos e nem aderentes. No outro dia, ele e mais quatro filhos de Deus, transladaram o corpo dessa pobre mulher para o cemitério da cidade de Macuco, que distava uns seis quilômetros de onde a viúva morava. Foi assim através do trabalho mórbido, trabalho que ninguém queria fazer que o mito Jupará foi construído no imaginário popular. Histórias horríveis e crendices fizeram desse maluco, ou desse enviado dos céus, um ser adorado pelos necessitados, repudiado e achincalhado por quem nunca precisou dele.

Coitado!... Depois de acudir centenas de famílias no momento de dor e desespero, numa época em que a rede e o banguê serviam para transportar doentes, moribundos e mortos, acabou-se miseravelmente, ultrajado e esquecido. Todavia, no livro das histórias extravagantes e excêntricas de Itabuna, Jupará terá seu nome imortalizado e lembrado. E far-se-ia justiça histórica se esse benemérito anônimo tivesse seu nome de batismo resgatado e não o apodo que lhe colocaram para justificar suas excêntricas atitudes de notívago que, como o macaco jupará, conhecido pelo vulgo de macaco-da-meia-noite, vagava sem rumo dentro da mata.

Nota

A figura de Jupará é personagem central do conto "O Suplício de Papa-Mel", do livro Estranhos e assustados, de Hélio Pólvora, Prêmio Fundação Castro Maya, Editora Lidador, Rio, 1966. (CM)

DISCURSOS

Na posse da mesa diretora da ALITA

(Biênio 2013/2014)

Sônia Carvalho de Almeida Maron*

Ilustres componentes da mesa que honram nossa reunião solene de posse, permitam-me escolher para representá-los, na saudação de praxe, os nomes de Andirley Nascimento e Altamiro Conceição Oliveira, respectivamente presidente da subseção da OAB e Capitão da Polícia Militar, diretor adjunto do Colégio Militar de Itabuna, não pelos títulos que hoje ostentam, mas pelo fato de representarem meus ex-alunos, que considero uma "categoria especial de filhos"; meus filhos, genro, nora e netos, senhores convidados, meus caros confrades e confreiras.

Minhas primeiras palavras, neste momento, não foram inspiradas na obra de nenhum escritor consagrado, nem de alguém agraciado com títulos de mestre, doutor ou PhD. São palavras simples, revestidas de sabedoria, a sabedoria daqueles que vivem peregrinando em nome da paz e da fraternidade. Iniciando um novo biênio, preferi a inspiração de um texto que nos leva a refletir que a sabedoria prescinde de fardões, colares, capas, currículos recheados de livros, mestrados, doutorados e outras láureas. É simplesmente a essência de tudo de bom e positivo captado do viver que viabiliza nossa convivência com o próximo, melhor dizendo, com todos os companheiros de jornada. E nossa bagagem para percorrer o caminho exige que permaneçamos alertas em todo o percurso, afastando os obstáculos para facilitar o

* Juíza de Direito do TJBA aposentada, ex-professora de Direito na Universidade Estadual de Santa Cruz.

acesso daqueles que caminham ao nosso lado ou atrás de nós, seguindo nossos passos e aprendendo com o nosso exemplo. As palavras que anunciei como reflexo da sabedoria, foram escritas pelo DALAI-LAMA quando se refere à plenitude da vida e à conquista da felicidade. Diz o líder dos budistas que não há nada de misterioso nesse projeto, que "Consiste apenas em levar os outros em consideração. E se você fizer com sinceridade e persistência, pouco a pouco, passo a passo, será capaz de reordenar seus hábitos e atitudes e pensar menos em seu pequeno mundo e mais nos interesses de todas as outras pessoas. E encontrará a paz e a felicidade para si mesmo". Em outras palavras, é dando que se recebe, fórmula mágica para a convivência entre seres humanos, gregários por natureza, tão frágeis que não conseguem viver sozinhos e precisam da harmonia e da união para cumprir sua trajetória na vida social.

As instituições como nossa academia nascem e são constituídas voltadas para o bem comum, visando objetivos nobres e revelados através de projetos que transcendem a vaidade pessoal. A convivência pacífica entre os membros e o êxito do ideal que reuniu um grupo de amigos, como é o nosso caso, estão estreitamente ligados à humildade e ao verdadeiro sentimento de fraternidade. A propósito, o *site* da Academia Brasileira de Letras oferece um texto de Arnaldo Niskier nos seguintes termos: "Academia é convívio, estão condenados a conviver para o resto da vida", e prossegue o confrade da academia-mãe dizendo que "importa em renúncia a personalismos ou ao exercício de atitudes de arrogância ou prepotência". Acrescentaria à oportuna reflexão do famoso acadêmico que a vida em grupo implica, também, em doação e tolerância. Parafraseando Fernando Pessoa, em seu verso tão conhecido, lembraria que "tudo vale a pena se a alma não é pequena". Felizmente o pequeno grupo que vem lutando pela sobrevivência da ALITA não é composto de pessoas de alma pequena. O nosso sonho é reinventar a noção de academia de letras, levando sua mensagem ao jovem, fazendo germinar a semente que servirá para revitalizar a cultura de uma cidade tão sofrida, condenada a não preservar sua memória, o que leva a não cultuar o respeito ao seu

passado e às suas tradições. É defeso aos filhos de Itabuna, como o são, quase todos, nesta instituição, cultuar a imagem de uma casa como esta funcionando como uma "torre de marfim", onde pessoas de meia idade ou idosas disputam entre si quem escreveu o maior número de livros, quem é detentor do número maior de prêmios, quem figura como campeão de obras publicadas em outros idiomas, láureas que não são transmitidas a quem precisa de conhecimento, nem podem servir de epitáfio se considerarmos o espaço reduzido das lápides modernas. Tentamos cumprir a trajetória que traçamos e deixaremos como legado aos jovens, emissários do amanhã que será melhor e mais justo: o amor à cultura no seu sentido mais amplo e a busca permanente do saber, convencendo-os de que o conhecimento é um desafio permanente e enriquecedor.

A sucessão de dirigentes é exigência do sistema democrático e como nossos objetivos são comuns, não existe hierarquia ou disputas por cargos ou encargos, como é comum na vida pública, até porque nossa mesa diretora tem apenas um biênio de duração, melhor dizendo, nossos cargos não são e não podem ser vitalícios e é bom que seja assim, em sadia alternância. Somos uma modesta sociedade de direito privado, sem fins lucrativos, onde presidentes, vice-presidentes e diretores de diferentes setores administrativos vivem em parceria e harmoniosa convivência, sem a preocupação do "tome lá e dê de volta". Graças a Deus não temos nada para dar, a não ser nosso exemplo de que é possível executar um trabalho comum para servir à comunidade que nos acolhe; cada um de nós, lúcidos que somos, reconhece, dentro de sua aptidão intelectual e profissional, o melhor meio de prestar a colaboração adequada ao crescimento do sonho já transformado em realidade.

O sonho de uma academia de letras em Itabuna, para o nosso grupo, tomou forma quando foi escolhida a primeira mesa diretora, em março de 2011. O primeiro presidente, Marcos Bandeira, teve o nome indicado por um dos confrades, Cyro de Mattos, sob a alegação de que seria o melhor pela capacidade de "blindar" a academia, declinando a escolha unânime do seu próprio nome. Não se referia,

com absoluta certeza, ao cargo de Marcos, um juiz de direito. Estava implícito, em sua observação, que um cargo decorrente da aprovação em um concurso público de provas e títulos não acrescentaria muito ao caráter reto e límpido de Marcos Bandeira. Significava que a aprovação ao nome de Marcos protegeria a academia pelas virtudes que ornam seu caráter de cidadão de conduta ilibada e elevado saber jurídico, como determina a Constituição para compor a Suprema Corte. Acrescente-se, ainda, que nosso presidente emérito consegue aliar ao conhecimento jurídico a cultura humanista, a sensibilidade e o comprometimento com o drama social, no tocante à sua maior chaga: a criança vulnerável e abandonada pelo poder público que dissimula a realidade de um país sem educação, sem saúde e sem segurança, caminhando a passos largos para a perda dos seus valores morais e éticos. Nesse caos em que vivemos, nosso presidente conduz uma Vara da Infância e Juventude colaborando efetivamente para a recuperação de jovens portadores de desvios de conduta, enfrentando dificuldades materiais incalculáveis, sem perder a esperança, sempre vislumbrando uma luz no fim do túnel da indiferença e da irresponsabilidade. O nome de Marcos Bandeira foi e sempre será o indicado para conduzir qualquer instituição que necessite, para sobreviver, de alguém que não perdeu a capacidade de sonhar e de indignar-se. E nós temos a sorte de contar com seu entusiasmo e colaboração, sem falar na postura de serenidade e equilíbrio que nos conduziu a salvo até este momento. Para enfrentar o pesado e quase impossível encargo de substituí-lo, posso apenas pedir que "rezem por mim", repetindo a inspirada lição do Papa Francisco.

Associei, muitas vezes, a ideia de sonho à existência da nossa academia de letras. Não posso encerrar minha manifestação sem registrar quando e onde nasceu nosso sonho. Teve início no século passado, quando um grupo de bacharéis em direito, unidos por estreitos laços de amizade e de amor por esta região, resolveram criar a Faculdade de Direito de Ilhéus, e na década de sessenta foi proferida a aula inaugural em 2 de março de 1961: Soane Nazaré de Andrade, Amilton Ignácio de Castro, Francolino Gonçalves de Queiroz Netto,

José Cândido de Carvalho Filho, Jorge Fialho, Wilson Rosa da Silva, Acioly da Cruz Moreira, Manoel Targino de Araújo, Altamirando de Cerqueira Marques e outros. Itabuna, por sua vez, criou também suas faculdades de Filosofia e Economia, e Administração, onde tinham destaque nomes como Litza Mary Modesto Câmera, Delile Oliveira, Valdelice Pinheiro, Érito Machado e tantos outros sonhadores. Em 1974, consumou-se a fusão dessas casas de ensino superior em uma Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, de caráter particular. Vencidas muitas crises, a única solução, à época, encontrada para não morrer o sonho do ensino superior em nossa região, foi a estadualização: surgiu a UESC, Universidade Estadual de Santa Cruz, designação há muito tempo escolhida por um dos fundadores, segundo Valdelice Soares Pinheiro, "o homem que sabia sonhar" que ela imortalizou em um poema dedicado a Soane Nazaré de Andrade. Se os informes históricos não estão corretos, submeto-os à crítica da Profª Drª Janete Macedo e afirmo que são irrelevantes para o fim colimado, visto que são apenas detalhes necessários para proclamar que a ALITA é, basicamente, a FESPI e a UESC. É a prova incontestável de que a educação no sentido mais amplo, responsável e competente é o único caminho para a redenção de um país.

Partilho o privilégio de ser ex-aluna da FESPI e ex-docente da UESC com a maioria dos membros desta academia de letras. Como ex-magistrada criminal, não dispenso a prova material e cito os nomes: Ruy Póvoas, Marcos Bandeira, Maria de Lourdes Simões (Tica), Lurdes Bertol Rocha, Ceres Marylise Rebouças, Margarida Fahel, Carlos Valder, Dinalva Melo, Raimunda Assis, Janete Macedo, Jorge Batista, Silmara Oliveira, Carlos Eduardo Passos, Ary Quadros, Gustavo Veloso, Maria Luiza Nora, Luiz Bezerra, Maria Palma Andrade, Marialda Jovita, Rilvan Santana. Se ocorreu alguma omissão será sempre no sentido de que seja acrescentado mais um com a mesma origem. Esta academia, meus amigos, tem a doce melodia dos poemas de Valdelice Soares Pinheiro, e como exemplo ficam os versos do poema "Para um homem que sabe sonhar" dedicando a Soane Nazaré de Andrade, que também figura entre nossos confrades:

Cada espaço deste chão
cada folha, cada flor, cada árvore,
cada ave que pousa ou passa por aqui
na expressão do voo,
o sonho livre da asa;
cada pedra,
cada grão de cimento,
cada prédio,
cada sala, cada voz nessas salas,
como que dizendo,
na extensão do tempo,
o sonho de sempre
que o tempo não leva;
cada coisa, enfim,
e cada destino
e cada passo
e cada gesto
guardam a presença
de seu sonho confirmado
na expansão infinita da semente
para a verdade do fruto
que já se colhe aqui".

Valdelice — 31.07.1985

Respondeu Soane, em 1994, na cerimônia de aniversário da Universidade: "O passado se insere no presente. Até nossos mortos convivem conosco e não raro apontam-nos o caminho. Quem ousaria dizer que Valdelice está morta? Valdelice está aqui. Sinto-a por inteiro no espírito e na força da Universidade, não só no Centro de Estudos Filosóficos Valdelice Soares Pinheiro, mas em cada pessoa, em cada espaço, em cada matéria deste Campus — todo ele espírito de Valdelice. Temos todos, queiramos ou não, um compromisso com a História. Um compromisso com a eternidade. Porque a Universidade de Santa Cruz viverá por todos os tempos, enquanto vida houver neste chão abençoado do universo que é nosso planeta Terra."

Agradecemos, mais uma vez, à FTC, nossa parceira do primeiro momento, representada pelos educadores Profs. Cristiano Lobo e

Raildes Pereira, que repetem o verso de Castro Alves "bendito o que semeia livros, livros, à mão cheia e faz o povo pensar..."; aos confrades Ceres Marylise Rebouças e Jorge Batista, respectivamente vice-presidente e diretor de ações culturais neste novo biênio, responsáveis pela beleza e requinte desta festa; à Filarmônica Euterpe Itabunense, nossa nova parceira; à Profª Maria Luzia de Mello, geógrafa com mestrado em Meio Ambiente, também nossa parceira, coordenadora de uma instituição que idealizou, denominada Centro das Águas — Espaço Cidadão, dedicada a estudos pela revitalização do Rio Cachoeira, instituição que aguarda da sociedade organizada o apoio necessário à defesa de iniciativas desse porte; agradeço, particularmente, a LINDAURA BRANDÃO DE OLIVEIRA, responsável por minha formação, da alfabetização ao curso médio de magistério, educadora incomparável de inúmeras gerações desta pobre cidade amnésica e que deixou a prova material de sua passagem por esta dimensão em um prédio modesto, na rua São Vicente de Paula, recentemente destruído por ser considerado descartável, graças à ação daqueles que não alcançam o significado do patrimônio imaterial, que não é mensurável, nem passível de estimação econômica e que consegue o milagre de transformar um país em nação; e também agradeço, pessoal e carinhosamente, a Maria Célia Midlej, parceira e amiga querida de todos os momentos, em quase seis décadas de cumplicidade, e a Ana Maria Aquino, com o mesmo tempo de serviço em minha vida e em meu coração, amiga de todos os momentos, como Maria Célia, ambas emprestando o toque especial de suas mãos, a sensibilidade, inteligência e solidariedade que definem o perfil de verdadeiras cidadãs e damas da sociedade itabunense.

Com a devida vênia dos confrades e confreiras de universidades consagradas, respeitados e famosos, que honram esta academia com seus nomes e suas obras, nós, da FESPI e da UESC somos o corpo e a alma da ALITA e os convidamos a seguir viagem. Nossos mestres deram a partida. Com a paz no coração, vamos embora!

Na posse dos novos acadêmicos

(20.09.2013)

Sônia Carvalho de Almeida Maron*

Recebidos generosamente, mais uma vez, nesta casa de ensino superior, aqui estamos para legitimar o ingresso de novos membros na Academia de Letras de Itabuna. Revendo o caminho percorrido, concluímos que o sonho de reinventar uma academia de letras em Itabuna assume, aos poucos, o contorno de realidade palpável. Nosso estatuto contempla toda manifestação literária, artística e das ciências humanas e não é por acaso. Em nossa caminhada, permanecemos atentos à imposição do momento histórico vivido por nossa região, ao qual poderíamos denominar, usando a expressão de Zygmund Bauman, de "sociedade líquida". A denominação usada pelo filósofo polonês abrange a incapacidade de reter a forma por muito tempo, a propensão de mudar de forma sob a influência de mínimas, fracas e ligeiras pressões, como traço característico de nossa atual condição sociocultural. Acresce, ainda, os desvios decorrentes do uso inadequado das conquistas tecnológicas que levam a diluir e banalizar as interações humanas, deixando aos contatos superficiais e direcionados a falsa impressão de profundidade das relações. Os verdadeiros filhos desta região que inspirou os romances de Jorge Amado e Adonias Filho e os poemas de Valdelice Pinheiro, Sosígenes Costa, Firmino Rocha, Telmo Padilha, patronos lembrados como

* Juíza de Direito do TJBA aposentada, ex-professora de Direito na Universidade Estadual de Santa Cruz.

amostragem, não aceitam o mundo líquido que nos condena a viver o fenômeno da multidão solitária, estranho mundo onde as pessoas convivem lado a lado sem o genuíno relacionamento que enriquece a convivência entre os seres humanos. De repente, fomos surpreendidos com uma cidade sem alma, sem passado, sem memória e sem direito ao futuro. Aceitamos o desafio de reagir, com o propósito de provar que o futuro não é oferecido de antemão, e cabe a nós recriá-lo a todo momento, buscando a superação de crises e conflitos, vencendo o desalento e a desesperança.

Essas reflexões refletem o sonho do pequeno grupo de fundadores desta academia de letras, composta, predominantemente, de acadêmicos que devem a formação às salas de aula do Ginásio Divina Providência e à Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, hoje Universidade Estadual de Santa Cruz. Em verdade, procuramos trazer a lume valores postergados na sociedade líquida e imediatista, os valores que servem de alicerce na promoção de um mundo mais ético e mais justo. Reunimos, em nossa instituição, escritores, poetas, jornalistas, cineastas e psicanalistas, atores e educadores, idosos, pessoas de meia idade e jovens. Dir-se-ia que nosso "mosaico" é muito complexo e diversificado para o propósito de uma academia de letras. Enganam-se os que pensam assim. Nosso objetivo é tecer juntos, religar saberes, ter a ousadia de sair de nossa área de conhecimento para refletir sobre os problemas mais amplos da cultura, este vasto patrimônio criado por nós e para nós. Temos compromisso com nossa área de concentração, mas podemos e devemos sair dela, para contribuir no trabalho de preservação dos valores que nos conduziram até aqui e temos o dever de conservar e transmitir. Fortalecidos ainda mais a partir deste momento e honrados com a presença dos novos confrades e confreiras, a todos envolvemos no mesmo carinho e no mesmo abraço; bem-vindos ao nosso chão grapiúna que acredita em nós, filhos legítimos ou adotivos, com os mesmos sonhos e movidos pelo mesmo ideal.

Cumpre-me apresentar os novos acadêmicos às autoridades e convidados que atenderam à nossa mensagem. Não esperem a leitura

de biografias e elencos intermináveis de títulos, obras e prêmios. Não pretendo fixar-me na bagagem de cada um — permitam-me a metáfora, alguns com muitas malas, admiráveis na aparência e na essência, gastas pelo longo caminho percorrido, e outros com poucas malas, novas na aparência, no entusiasmo, nas ideias e propostas concretas de colaboração. Prefiro reconhecer na bagagem de todos a *griffe Louis Vuitton*, vez que, segundo os entendidos, é mais que uma marca de malas, é uma lenda!

Seguindo a ordem alfabética dos membros efetivos, apresentada no convite:

Celina da Silva Santos, que é jornalista, graduada e pós-graduada em comunicação, jovem portadora de um novo estilo, que se destaca pela sensibilidade e linguagem escorreita, enriquece o núcleo de comunicadores no qual pontifica Antonio Lopes, um dos fundadores da ALITA;

Gideon Alves Rosa, nascido em Itapé, graduado em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia, jornalista, concluiu o curso livre de arte dramática no Teatro Castro Alves e foi aprovado no concurso para ator, na universidade citada. Detentor de inúmeros prêmios como melhor ator, acha que o conhecimento é a pedra de toque para qualquer atividade artística de qualidade, o que ele demonstra como autor de peças teatrais e filmes de curta e longa metragem. Acumulou prêmios como jornalista e volta à região onde nasceu com o sonho de transmitir a experiência e o conhecimento adquiridos;

Maria Delile Miranda de Oliveira, itabunense, educadora integrada à vida cultural da cidade que viu crescer, poetisa e cronista. Deve a formação em magistério ao Ginásio Divina Providência, templo do saber destruído em um dos momentos mais infelizes da administração pública em nossa cidade. Graduada em Pedagogia, uma das fundadoras da Faculdade de Filosofia de Itabuna, pioneira da educação superior, como docente, nas salas de aula da Federação

de Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, origem da universidade hoje existente;

Maria Rita Coelho Dantas, Ritinha, para mim, sua amiga de infância; educadora incomum, com graduação e doutorado em Letras, escritora, eterna primeira dama de Itabuna, imortalidade que o povo já lhe conferiu. Pertence ao grupo de sonhadores que fundou a ALITA, assim como Naomar Monteiro de Almeida Filho e Sérgio Alexandre Menezes Habib. Ritinha, sorriso aberto, espontânea e verdadeira, eterna namorada do adolescente Ubaldo Porto Dantas. Ritinha, no *e-mail* que me enviou, enaltecendo seu patrono, José Bastos, lembra a praça que resistiu ao tempo, que ela e todos nós, seus amigos e colegas do Divina Providência, percorriam diariamente, em frente à estação ferroviária, à feira livre e barracas de fogos nos festejos juninos, coincidentemente o mesmo chão onde foi construída a Prefeitura Municipal de Itabuna, o mesmo chão que nos acolhe neste momento sob a égide da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna. Haja coração, Ritinha querida!

Naomar Monteiro de Almeida Filho, nascido em Buerarema, que eu conheci filho de Naomar Monteiro de Almeida e Dona Lourdes: Naomar, o pai, respeitado e conhecido pela retidão com que exerceu diversos cargos públicos, o mesmo Naomar que não hesitou em concluir o curso supletivo para prestar o primeiro vestibular da FESPI. Já era meu amigo e tornou-se colega no curso de Direito. Dona Lourdes, proprietária de uma loja e ateliê de artigos femininos, com a ousadia da mulher que não aceitava a passividade, tinha no marido o incentivador. Naomar, o filho, médico, seus títulos transcendem a profissão escolhida. Foi Magnifico Reitor da maior universidade baiana, voltando, agora, à sua região tão sofrida e desfigurada, escolhido para o cargo de Reitor da Universidade Federal do Sul da Bahia, simbolizando a esperança de redenção através do único caminho eficaz: a educação. Seu currículo e seus títulos, conhecidos de todos nós, que orgulhosamente acompanhamos a brilhante

trajetória do conterrâneo, assumem especial significado pertencendo ao portador de valores que dignificam o ser humano e enobrecem a comunidade que se regozija com o seu retorno.

Raquel Silva Rocha, régio presente que São Paulo enviou. Nascida na locomotiva do país, adotou Itabuna a ponto de realizar sua formação universitária de graduação e pós-graduação na UESC. Graduada e pós-graduada em Economia e em Comunicação, enriqueceu seu currículo com o curso de Psicanálise, disposta ao mergulho interior do autoconhecimento, ferramenta poderosa para conviver e compreender o semelhante. Como cineasta, educadora ou psicanalista, diversifica as áreas de atuação com competência e indisfarçável amor ao conhecimento, sua busca permanente. Possui vasto currículo como cineasta e produtora, trazendo às fileiras da academia o entusiasmo e vibração da sua juventude;

Sérgio Alexandre Menezes Habib, itabunense, advogado, mestre em Direito Penal e professor da Universidade Federal da Bahia. Filho de Afonso Habib e Dinalva Menezes Habib, representante da colônia libanesa desta região no que existe de melhor no plano da intelectualidade. Portador de vasto currículo, no qual convivem obras jurídicas e literárias, volta à sua cidade natal para caminhar ao nosso lado, contribuindo para o soerguimento da vida cultural desta região;

Na relação de membros correspondentes, obedecendo ao mesmo critério, figuram:

Cristiano Lôbo da Silva, que se integrou à comunidade, a todos cativando com seu cavalheirismo e engajamento, dirigiu a unidade local da FTC com rara desenvoltura e competência. Graduado e pós-graduado em Administração, professor e gestor hábil e equilibrado, colaborou de forma decisiva para a difusão dos mais diversos segmentos da cultura, sendo o parceiro providencial do primeiro momento da academia que agora também é sua e enriquecerá na condição de membro correspondente com sua contribuição;

Edvaldo Pereira de Brito, na opinião de um jornalista de nossa cidade, dispensa apresentação e comentário. Principalmente de minha parte, impedida pelos laços estreitos de amizade, que já assumem o caráter de parentesco.

Existem irmãos e irmãos: os irmãos biológicos, que não são escolhidos, mas impostos pela vida, e os irmãos escolhidos pelo coração; é nesta última categoria que está situado o sentimento que nos une. Os títulos que ornam seu extenso currículo dizem pouco do ser humano incomum, exemplo de superação, professor emérito da UFBA, professor de pós-graduação da Universidade Mackenzie, em São Paulo, jurista com área de atuação em Direito Público, notadamente Constitucional e Tributário e atualmente vereador da cidade de Salvador. Para mim, seu lugar natural seria no Congresso, na vaga de Josafá Marinho. Paciência. Às vezes é preciso uma luz no fundo do túnel. Na convivência fraterna de mais de três décadas, revelou-se o amigo de todos os momentos. Consegue a façanha de acumular imortalidades, no plural mesmo, pertencendo a outras academias, como a de Ilhéus e a sua específica, de Direito Tributário, no Rio de Janeiro. Bem vindo, meu irmão. É confortador tê-lo ao meu lado e poder contar com sua mão servindo de apoio e indicando o caminho.

Ivete Sacramento encerra, nesta solenidade, a relação de membros correspondentes. Ausente por compromissos inesperados e inadiáveis, merece da nossa parte, o mesmo destaque dos demais confrades recém-empossados. Primeira reitora negra do Brasil, dirigiu a UNEB com a competência e habilidade da educadora vocacionada. Graduada em Letras pela UFBA e com mestrado em Letras pela Universidade de Quebec e Montreal, no Canadá, atualmente empresta seu talento à Secretaria de Reparação Social da Prefeitura Municipal de Salvador.

Senhores convidados, estes são os novos acadêmicos da ALITA, livres dos títulos pomposos que ostentam, da produção literária, poética, artística ou técnica que ornamentam seus currículos e

servem de orgulho à cidade que tem as marcas dos primeiros passos da maioria. Voltaram para ficar, na regra das academias: são, agora, imortais, a partir da cerimônia de posse. Conhecendo-os, acredito que oferecem a Itabuna exemplos da prática de amar que, segundo Erich Fromm, exigem disciplina, concentração e paciência. Tais requisitos serão exercitados e ensinados por eles e por todos desta instituição porque acreditamos, como leciona Fromm, "que o amor é a única resposta sadia e satisfatória ao problema da existência humana". Eles trazem na bagagem lições de amor. Quem sabe, encontraremos olhos para ver e ouvidos para ouvir nossa mensagem.

REGISTRO

ALITA lança livro com coletânea de poesias de Valdelice Pinheiro

Uma poetisa que bailava com as palavras de maneira doce e, ao mesmo tempo, forte. Ela deixou apenas dois livros publicados, mas permanece eternamente como referência entre os grandes nomes da literatura regional. Estamos falando da saudosa Valdelice

Soares Pinheiro, cuja obra foi reunida na coletânea *O canto contido*. O livro, organizado pelo escritor Cyro de Mattos, foi patrocinado pela Academia de Letras de Itabuna (ALITA) e lançado nesta quinta-feira (26.03.2015), a partir das 20 horas, no auditório da FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciências).

A publicação, que tem a marca da Editora Giostri, Rio de janeiro, reúne 60 poemas publicados em vida pela autora, por meio de dois livros — *De dentro de mim* e *Pacto* — e de outros incluídos em antologias e em um CD.

A noite do lançamento foi festiva — com direito a diversas manifestações culturais em louvor a Valdelice. Para começar, comentários sobre o livro estiveram a cargo de Cyro de Mattos e da presidente da Academia, Sônia Maron.

Dando sequência, o também escritor Ruy Póvoas, a reitora da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), Adélia Pinheiro, e o diretor da FTC, Lindomar Coutinho, conduziram um momento de homenagem e reconhecimento pela contribuição poética deixada pela poetisa à região.

Poemas com música e vozes. O público pode, também, apreciar um vídeo organizado por Raquel Rocha, com poemas declamados por Nevolanda Amorim Pinheiro, bem como um recital de poesias de Valdelice Pinheiro, com a participação dos atores Jorge Batista, Tereza Sá, Lucas Oliveira, Silvia Smith, Aldenor Garcia e Telma Sá.

Como música e poesia são indissociáveis, o momento dos acordes foi conduzido pela Filarmônica Euterpe Itabunense e pela cantora Beatriz Reis, que entoou o poema "Rio Cachoeira", musicado pelo Grupo Manzuá.

Vale lembrar que houve, ainda, uma distribuição gratuita de "O Canto Contido" para as pessoas presentes ao local do evento.

O organizador do livro, Cyro de Mattos, menciona a importância de uma divulgação merecida do legado deixado por Valdelice Soares Pinheiro. Afinal, para ele, se trata de "um dos mitos da poesia grapiúna".

Nota de pesar pelo falecimento de Consuelo Pondé

A ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA — ALITA registra com profundo pesar o falecimento da PROFª CONSUELO PONDÉ DE SENA, membro correspondente da instituição e amiga pessoal da presidente e de vários confrades e confreiras, deixando consternados os diversos segmentos culturais da Bahia.

CONSUELO PONDÉ DE SENA era membro da Academia de Letras da Bahia e presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia,onde desenvolveu profícua gestão por longo período. Professora da Universidade Federal da Bahia, destacou-se como educadora, escritora e cidadã, emprestando às diversas atividades que desenvolveu a marca da sua liderança firme e entusiasta.

Nossa academia reverencia, agora, a confreira que enriqueceu a atividade cultural na Bahia com sua inteligência, simpatia e brilhantismo, transmitindo aos seus familiares e filhos Mayra, Maria Luiza, Maurício e Eduardo o melhor da nossa solidariedade e carinho.

Itabuna, 14 de maio de 2015.

Sônia Carvalho de Almeida Maron
Presidente

Comemorações do Centenário de Adonias Filho em Itajuípe

Adonias Filho é um dos mais renomados escritores brasileiros.

O ano de 2015 marcou um momento importante para a literatura nacional e, mais especial ainda, para a literatura regional: foi o ano em que se comemorou o Centenário do nascimento do escritor Adonias Filho, membro da Academia Brasileira de Letras e patrono da Academia de Letras de Itabuna.

A abertura das comemorações aconteceu na quarta-feira (20/05), no Memorial do escritor, em Itajuípe.

Na programação, com o início às 17 horas, houve apresentação de fanfarra e cerimônia das flores, na Praça Adonias Filho. Em seguida, às 20 horas, aconteceu a apresentação do professor Jorge Batista (que ensina na escola Curumim e também é membro da ALITA —

Academia de Letras de Itabuna) com o texto “A estrada”, abertura do livro *Memórias de Lázaro*. O ator José Delmo se apresentou com o texto “Capítulo Lina de Todos”, do livro *As velhas*.

Para dar continuidade, uma mesa-redonda composta por membros da Academia de Letras de Itabuna (ALITA) — Cyro de Mattos, Margarida Cordeiro Fahel, Maria de Lourdes Netto Simões, Ruy do Carmo Póvoas, Silmara Oliveira e Sônia Carvalho de Almeida Maron (presidente da Academia) discorreu sobre a obra do renomado romancista. O evento contou também com a boa música ao vivo, comandada pelo cantor Alex Bronze.

Revista Guriatã marca voo inédito na Academia de Letras de Itabuna

Guriatã. Com uma homenagem ao pássaro bonito e brilhante tantas vezes visto no sul da Bahia, a Academia de Letras de Itabuna (Alita) dá nome à revista que foi apresentada à comunidade nesta quarta-feira (19/8/2015), a partir das 19 horas, no auditório da FTC (Faculdade de Tecnologia e Ciências). A publicação, inédita entre as instituições do gênero na região, representa um verdadeiro voo, para marcar o ano do centenário do patrono da Academia, o saudoso escritor Adonias Filho.

Ao longo de 164 páginas, a "Guriatã" reúne artigos, ensaios, poesias e discursos, entre outros textos escritos por imortais da Alita e demais nomes notáveis da literatura regional. Um dos editoriais é assinado pela presidente da instituição, Sônia Carvalho de Almeida Maron, que evidencia a proposta de fraternidade e união como tônica. "Esta revista nasce com o propósito de enfrentar o desafio consubstanciado na defesa dos valores que servem de alicerce não somente às academias de letras: são valores necessários à promoção de um mundo mais ético e mais justo, onde a liberdade de expressão cumpra o seu verdadeiro papel", assinalou.

O diretor da revista, Ruy do Carmo Póvoas, lembra que "a publicação quer se constituir num espaço de interlocução e construção de conhecimentos e intercâmbios de experiências literárias, mormente a produzida na Região Sul da Bahia". No mesmo entendimento, o coordenador e produtor editorial da "Guriatã", Cyro de Mattos, destaca o caráter histórico, por ser o primeiro número da revista, cuja periodicidade deverá ser anual. Além disso, considera ser este um marco a atestar o nível do que produz a Academia de Letras de Itabuna.

Além dos já citados Sônia Maron, Ruy Póvoas e Cyro de Mattos, a revista Guriatã traz textos assinados pelos seguintes membros da Alita: Maria de Lourdes Netto Simões, Raimunda Assis, Jorge Luiz Batista dos Santos, Lurdes Bertol, Consuelo Pondé (*in memoriam*), Marcos Bandeira, Celina Santos, Sione Porto, Florisvaldo Mattos, Renato Prata, Aleilton Fonseca, Ceres Marylise, Hélio Pólvora (*in memoriam*), Aramis Ribeiro, Silmara Oliveira, Raquel Rocha e Antonio Lopes. Há, ainda, poemas dos notáveis Firmino Rocha, Telmo Padilha, Walker Luna e Valdelice Pinheiro (todos *in memoriam).*

Eleição da Nova Diretoria da ALITA

A Academia de Letras de Itabuna (ALITA) elegeu, por aclamação, uma nova diretoria para o biênio 2015-2017. A posse deverá acontecer ainda neste mês. À frente da instituição, foi reconduzida a presidente Sônia Carvalho de Almeida Maron. Ela reafirmou, logo após o pleito, o compromisso de prestar um serviço — e deixar um legado — à cidade.

"Agradeço a prova de confiança dos meus pares, recebo com humildade a oportunidade de continuar dirigindo a instituição e reitero meu propósito de conduzi-la sempre voltada para o bem comum, afastada da vaidade, intolerância e disputas ditadas pelo egoísmo, a fim de que possamos conviver fraternalmente, exercitando a necessidade de somar e contribuir para o resgate da cultura em nossa comunidade", afirmou a presidente reeleita da Academia.

Seguindo a tônica de valorizar os talentos da literatura regional, assim como de preservar a memória daqueles que labutaram em prol das letras, a ALITA lançou, recentemente, o livro "O canto contido", coletânea de poemas da saudosa Valdelice Soares Pinheiro. A obra foi organizada pelo escritor Cyro de Mattos, que assumirá o cargo de editor da Revista Guriatã, publicação com trabalhos literários produzidos pelos componentes da entidade.

Ainda sobre a eleição, a vice-presidência será ocupada pelo professor e escritor Ruy do Carmo Póvoas; a 1ª Secretária será a escritora Ceres Marylise Rebouças de Souza; a 2ª Secretária, a também escritora Lurdes Bertol Rocha; a 1ª e 2ª tesourarias serão ocupadas, respectivamente, por João Otávio Oliveira Macedo e Carlos Valder Nascimento.

Quanto à diretoria de Biblioteca, ficará a cargo de Marcos Antonio Bandeira. Como diretoras de Arquivo, atuarão Raimunda Assis e Sione

Porto. Já a diretoria de Ações Culturais será ocupada por Raquel Rocha e Jorge Luiz Batista dos Santos. Na diretoria de Comunicação está Celina Santos, enquanto a diretoria de Projetos e Pesquisa ficará a cargo de Janete Ruiz Macedo e Silmara Santos Oliveira. Na administração do site (www.academiadeletrasdeitabuna.com.br), Raquel Rocha.

Ludmila Bertié lança biografia de Adonias Filho

Ludmila Bertie autografando *Adonias Filho — a força da terra* na Livraria Cultura, em Salvador.

Detalhes ainda inéditos do autor de *Corpo Vivo* estão na biografia *Adonias Filho: a força da terra,* escrita pela jornalista Ludmila Bertié e que foi lançado em tarde de autógrafos bastante concorrida no dia 11 de março de 2016, às 19h, na Livraria Cultura do Salvador Shopping. Ludmila, que é sobrinha-neta do biografado, escreveu a obra com base em pesquisas, histórias contadas pela família, relatos

de amigos e colegas de Adonias, levantando um amplo material sobre a obra e a vida desse escritor sul baiano.

Editado pela Solisluna, o livro chega em bom momento à comemoração ao centenário de nascimento do escritor. Autor de mais de 15 livros, membro da Academia Brasileira de Letras, patrono da Academia de Letras de Itabuna, Adonias imortalizou o chão de cacau do sul da Bahia em romances como *Memórias de Lázaro* e *Corpo Vivo*.

Na biografia, Ludmila apresenta o percurso feito por Adonias Filho desde o seu nascimento, na fazenda São João, município de Itajuípe, passando pela difícil decisão de ser escritor, a estreia na literatura, o estilo poético de entonação bíblica, que lhe é tão característico, a influência que teve na vida política nacional, ocupando cargos importantes na área cultural do país e ajudando, inclusive, muitos amigos e colegas a se livrarem dos efeitos da ditadura. Ludmila aborda também a intimidade do escritor, porém sem excessos. Trata com sutileza e elegância de relações amorosas do biografado e do alcoolismo enfrentado pelo seu filho caçula. Definitivamente, não é um livro para os que estão atrás de lances exóticos na paisagem do Sul da Bahia e fofocas pitorescas.

Graduada em Jornalismo, Ludmila Bertié trabalhou em projetos de Comunicação do governo de Angola, morando dois anos em Luanda. No Brasil, foi apresentadora, editora-chefe, chefe de reportagem e repórter nas Redes Bandeirantes e Record de Televisão. Com quase vinte anos de jornalismo, voltou recentemente de Londres, onde fez curso de moda no London College Fashion da University of the Arts London.

O prefaciador Cyro de Mattos opina sobre *Adonias Filho: a força da terra:*

> "Com estilo solto, observações lúcidas, suficiente pesquisa, Ludmila Bertié logra êxito quando tira do esquecimento a vida de Adonias Filho. Informa lances que contribuíram na construção de seus belos livros. É o que se absorve depois da leitura dessa biografia do autor renomado, erguida na escrita fluente, da qual se tornam visíveis as origens, a formação da sensibilidade e a consolidação dos valores do escritor magnífico."

Lançamento do livro
“Uma interpretação cultural para o turismo a partir da obra de Adonias Filho”

A confreira Silmara Oliveira, mestra em cultura e turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz, vive o cotidiano de sua região e agiganta a dimensão de sua Itajuípe em seus projetos de cinema, turismo e educação, mantendo em constante ebulição a cultura da cidade e destacando-se pelo trabalho extraordinário de preservação da obra do escritor Adonias Filho.

Dirigindo o Memorial Adonias Filho e a Associação dos Filhos e Amigos de Itajuípe, professora de ensino médio que enriquece a educação local, oferece uma visão diferente da obra do escritor, propiciando à região a oportunidade de refletir sobre a época da implantação da cultura do cacau e o papel relevante que pode exercer sobre o turismo e desenvolvimento social da região através da literatura.

Revista da Academia de Letras da Bahia inclui textos de alitanos

A edição número 54 da revista da Academia de Letras da Bahia foi lançada no dia 15 de abril de 2016, na sede da instituição, em Salvador, a partir das 18 horas. Participam desse número os escritores Aramis Ribeiro Costa, Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca, membros da Academia de Letras de Itabuna.

Nessa edição, a publicação traz também textos de Edivaldo M. Boaventura, Gláucia Lemos, Florisvaldo Mattos, Roberto Figueira Santos, Urania Tourinho Peres, Waldir Freitas Oliveira, Antonella Rita Roscilli, Ordep Serra, Evelina Hoisel, Yeda Pessoa de Castro, Samuel Celestino, Roberto Santos, Carlos Ribeiro, Paulo Furtado, Antônio Torres, Gerana Damulaks e da poeta Myriam Fraga, que faleceu no último mês de fevereiro, todos eles membros da Academia de Letras da Bahia. Em breve, todo o conteúdo está disponível para download em http://www.academiadeletrasdabahia.wordpress.com/revistas/.

Cyro de Mattos recebe o Prêmio Nacional PEN Clube do Brasil 2015

O PEN Clube do Brasil realizou, no dia 14 de dezembro de 2015, no Terraço Panorâmico da sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na Glória, Rio de Janeiro, a entrega do Prêmio Nacional Pen Clube do Brasil 2015. Na categoria narrativa, ganhou o baiano (de Itabuna) Cyro de Mattos com o romance *Os ventos gemedores,* publicado pela Letra Selvagem, em 2014. O prêmio consiste no Troféu PEN, Diploma e 3500 reais.

Em poesia o prêmio foi entregue a Izacyl Guimarães Ferreira com o livro *Altamira e Alexandria*. Já em ensaio a vencedora foi Ana Ferro com *Os papagaios amarelos na ilha do Maranhão*. A Comissão julgadora do Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2015, constituída pelas professoras doutoras na área de Letras Luiza Lobo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Délia Cambeiro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e Maria Luiza Belotti, da Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, definiu os ganhadores em reunião realizada no dia 8 de dezembro, na sede do PEN Clube do Brasi, Rio de Janeiro..

Eis alguns escritores que já ganharam o Prêmio Pen Clube do Brasil: Guimarães Rosa, Ferreira Gular, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Lígia Fagundes Teles, Autran Dourado, Gilberto Freire, Adonias Filho, Érico Veríssimo, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Cassiano Ricardo, Antonio Cândido, Antonio Torres, Herberto Sales, Alceu Amoroso Lima, Dalton Trevisan, Fernando Sabino, Orígenes Lessa, Helena Parente Cunha, Oto Maria Carpeaux, José J. Veiga, Rubem Fonseca, José Cândido de Carvalho, Pedro Calmon, Álvaro Lins, Cyro dos Anjos e Guilherme Figueiredo.

A entrega da premiação foi conduzida pelo escritor e professor doutor em letras Claudio Aguiar. Após a entrega dos prêmios foi realizado o jantar de confraternização dos associados do PEN Clube do Brasil. Além da presença de mais de uma centena de sócios e convidados especiais, prestigiaram o encontro os acadêmicos Geraldo Holanda Cavalcanti e Domício Proença Filho, Presidente e Secretário-Geral da Academia Brasileira de Letras respectivamente; Victorino Chermont de Miranda, Vice-Presidente do IHGB; Levy Bucalem Ferrari, ex-presidente da União Brasileira de Escritores (São Paulo) e, ainda, vários representantes de entidades literárias, culturais e artísticas. O cerimonial do jantar esteve a cargo do ator e dramaturgo Sergio Fonta, membro titular do PEN Clube.

Troféu Prêmio Pen Clube do Brasil

Conferência na Academia Brasileira de Letras sobre romance de Adonias Filho

O escritor Cyro de Mattos, um dos fundadores da Academia de Letras de Itabuna, membro do Pen Clube do Brasil e da Academia de Letras da Bahia, fez palestra na Academia Brasileira de Letras sobre o romance *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho, no dia 7 de junho deste ano, 2016, às 17:30 horas, no teatro Raimundo Magalhães Junior, como parte do Ciclo de Conferências África: Olhares Ficcionais da ABL, que tem como coordenador o acadêmico Antonio Torres.

A carta-convite para o escritor proferir a conferência foi endereçada em nome do presidente da Academia Brasileira de Letras, Professor Doutor Domício Proença Filho e da Doutora e escritora Ana Maria Machado, coordenadora dos ciclos de palestras. O título que o palestrante escolheu para a sua fala foi "Os mares trágicos de Adonias Filho: Luanda Beira Bahia".

Transposta abaixo a carta-convite do presidente Domício Proença Filho e a programação geral do Ciclo de Conferências África: Olhares Ficcionais da ABL.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 2016

Ilmo. Senhor
Prof. Dr. Cyro de Mattos,

Em nome do Dr. Domício Proença Filho, Presidente da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS e da Dra. Ana Maria Machado, coordenadora geral dos ciclos, temos a satisfação de convidá-lo para proferir uma conferência sobre o Acadêmico **Adonias Filho**, no âmbito do Ciclo de Conferências ÁFRICA: OLHARES FICCIONAIS DA ABL, no dia 7 de junho do corrente ano, terça-feira, às 17h30.

O ciclo, coordenado pelo Acadêmico Antônio Torres, compõe-se de quatro conferências, às terças-feiras do mês de junho de 2016, no Teatro R. Magalhães Jr.

Informamos que os conferencistas convidados dispõem de 45 minutos para apresentação de suas considerações.

Não estão previstos debates. A conferência será transmitida ao vivo. <www.academia.org.br/eventos>.

Com grande satisfação em recebê-lo, aguardamos confirmação de sua presença, quando poderá nos enviar o título escolhido.

Agradecemos a atenção, solicitamos seu contato telefônico e permanecemos à disposição para qualquer informação que se torne necessária.

Cordialmente,

Profa. Marta Klagsbrunn
Chefe da Assessoria Cultural da ABL

Marta Klagsbrunn
Assessora Cultural
Tel: 00 55 21 3974-2543

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

APRESENTA

CICLO DE CONFERÊNCIAS

ÁFRICA: OLHARES FICCIONAIS DA ABL

COORDENAÇÃO: ACADÊMICO ANTÔNIO TORRES

7 de junho

Os mares trágicos de Adonias Filho: "Luanda Beira Bahia"

Conferencista: Cyro de Mattos

14 de junho

"Os tambores de São Luís": 40 anos da obra-prima de Josué Montello

Conferencista: Reginaldo de Jesus

21 de junho

Jorge Amado e a formação de um imaginário

Conferencista: Ana Maria Gonçalves

28 de junho

O africano Antônio Olinto

Conferencista: Alberto Mussa

TEATRO R. MAGALHÃES JR.

TRANSMISSÃO AO VIVO PELO SITE WWW.ACADEMIA.ORG.BR ENTRADA FRANCA

INSCRIÇÕES NO LOCAL | TEL: 3974 2500 AV. PRESIDENTE WILSON, 203 - 1º ANDAR - CASTELO, RIO DE JANEIRO

Diretoria 2016

Presidente Domício Proença Filho | Secretária-Geral Nélida Piñon | Primeira-Secretária Ana Maria Machado | Segundo-Secretário Merval Pereira | Tesoureiro Marco Lucchesi

7 A 28 DE JUNHO
TERÇAS-FEIRAS
17H30MIN

Alitana Ceres Marylise homenageada em eventos culturais no Brasil e no exterior

Por sua atuação como poeta, a acadêmica Ceres Marylise Rebouças foi homenageada em vários eventos culturais no Brasil e no exterior, em 2015, recebendo, em um deles, o diploma e a comenda Luís de Camões no Gabinete de Português de Leitura, em Salvador, como representante do Núcleo de Letras e Artes de Lisboa.

Recebeu também a Comenda na Pontificia Universidad Católica de Chile, em Santiago do Chile.

E, no município de Itabira, Minas Gerais, o Troféu Carlos Drummond de Andrade, juntamente com o escritor Aleilton Fonseca, que como a poeta Ceres Marylise é membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna (ALITA).

Ceres Marylise e Aleilton Fonseca homenageados com o Troféu Carlos Drummond de Andrade, em Itabira, Minas Gerais.

Escritor itabunense foi destaque da Rádio e TV Al Dia na Espanha

Abaixo o comentário da Rádio e TV Al Dia, de Salamanca, Espanha, sobre as atividades e produções do escritor e poeta Cyro de Mattos:

> **El destacado escritor brasileño Cyro de Mattos dedica su último poemario a Alencart**
>
> **Traducido al alemán por Curt Meyer Clason, ahora Fred Ellison ha vertido su poesía al idioma de Walt Whitman. Mattos está vinculado a Salamanca por los Encuentros de Poetas Iberoamericanos.**

Pérez Alencart, Satoko Tamura y Cyro de Mattos en Salamanca

Participante del XVI Encuentro de Poetas Iberoamericanos, que en 2013 homenajeó a **Fray Luis de León, Cyro de Mattos** (Itabuna, Bahía, 1939), acaba de publicar tres libros nuevos bajo el sello de la

editorial brasileña Via Literarum. Uno de ellos, de poesía, se titula "Poemas da Terra e do río / Earth and river poems", el mismo que tiene un atractivo prólogo firmado por **Heloísa Prazeres,** doctora por la Universidad de Cincinnati y profesora jubilada del Instituto de Letras de la Universidad Federal de Bahía.

Poseedor de una vasta obra literaria, tanto en volúmenes de cuentos, novelas, poemarios o textos para niños y jóvenes, Cyro de Mattos quiso dedicar este libro al poeta **Alfredo Pérez Alencart** "¡con la misma pasión por la Poesía que a diario demuestra el reconocido poeta peruano-salmantino!" La traducción de los treinta y ocho poemas (repartidos en las dos partes que integran el libro, una selección de textos de 'De Cacau e Água' y 'Vinte poemas do Rio') ha estado a cargo del reconocido traductor norteamericano **Fred Ellison,** profesor en las Universidades de Illinois y Texas hasta hace algunos años y que también ha traducido a **Rachel de Queiroz, Adonias Filho, Affonso Romano de Sant'Anna** o **Helena Parente Cunha** (también participante de los Encuentros salmantinos).

Cyro de Matos es miembro de la Academia de Letras de Bahía y del Pen Clube de Brasil, y ha obtenido varios galardones, como el Premio Nacional Ribeiro Couto, el Premio Afonso Arinos, el Premio Centenario Emílio Mora o el Premio Internacional de literatura Maestrale Marengo d'Oro (Génova). Tiene obra publicada en Alemania, Francia, Portugal, Rusia, Estados Unidos, México, Dinamarca, Suiza e Italia. Entre sus libros de poesía están *Vinte Poemas do Rio, Cancioneiro do Cacau, Ecológico, Vinte e Um Poemas de Amor, Lavrador inventivo, Viagrária, Casa Verde, Os engaños cativantes, Cantiga grapiúna, No lado azul da cançao, Onde Estou e Sou / Donde estoy y soy, Canto a Nossa Senhora das Matas* y *Oratório de Natal. La mayor parte de estos poemarios y de los otros libros de narrativa de* ***Cyro de Mattos*** *se pueden consultar en la Biblioteca del Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, por la donación que hiciera el propio autor en un acto celebrado en octubre de 2013.* Los otros dos libros de **Mattos,** recientemente publicados por Via Literarum, son: *Fissuras e Rupturas: Verdades* (Cuentos) y *O Circo no Quinta*l (para niños).

DIVERSOS

QUADRO SOCIAL DA ALITA – PATRONO ADONIAS FILHO

PATRONOS MEMBROS FUNDADORES

Cadeira	Patrono	Titular
01	Ruy Barbosa	Marcos Antonio Santos Bandeira
02	Sosígenes Costa	Silmara Santos Oliveira
03	Nestor Passos	Carlos Eduardo Lima Passos da Silva
04	Helena Borborema	Dinalva Melo do Nascimento
05	Jorge Amado	Cyro Pereira de Mattos
06	Mílton Santos	Lurdes Bertol Rocha
07	Telmo Padilha	Sione Maria Porto de Oliveira
08	Euclides Neto	Maria Luiza Nora de Andrade
09	Walker Luna	Rilvan Batista de Santana
10	Amélia Rodrigues	Ary Quadros Teixeira
11	Minelvino Francisco da Silva	Marialda Jovita Silveira
12	Afrânio Peixoto	Antônio Laranjeira Barbosa
13	Plínio de Almeida	Ruy do Carmo Póvoas
14	Valdelice Soares Pinheiro	Sônia Carvalho de Almeida Maron
15	José Haroldo Vieira	Gustavo Fernando Veloso Menezes

PATRONOS MEMBROS EFETIVOS

Cadeira	Patrono	Titular
16	Abel Pereira	Ceres Marylise Rebouças de Souza
17	Machado de Assis	Hélio Pólvora
18	Anísio Teixeira	Raimunda Alves Moreira de Assis
19	Aracyldo Marques	Ricardo Cruz
20	Ariston Caldas	Renato Prata
21	Augusto Mário Ferreira	
22	Castro Alves	Aleilton Fonseca
23	Saboia Ribeiro	Carlos Válder do Nascimento
24	Clodomir Xavier de Oliveira	Celina Silva dos Santos
25	Elvira Foepel	Raquel Silva Rocha
26	Fernando Leite Mendes	Jorge Luiz Batista
27	Fernando Sales	Maria Palma Andrade
28	Firmino Rocha	Delile Miranda de Oliveira
29	Gil Nunesmaia	Margarida Cordeiro Fahel
30	Hélio Nunes	João Otávio Moreira Macedo
31	Ildásio Tavares	Maria de Lourdes Netto Simões
32	Itazil Benício	Sérgio Alexandre Menezes Habib
33	João da Silva Campos	
34	Jorge Calmon	Luiz Antonio dos Santos Bezerra
35	Jorge Medauar	Florisvaldo Mattos
36	José Bastos	Maria Rita Coelho Dantas
37	Luiz Gama	Gideon Alves Rosa
38	Manoel Lins	Naomar Monteiro de Almeida Filho
39	Manoel Fogueira	Janete Ruiz de Macedo
40	Natan Coutinho	Soane Nazaré de Andrade

MEMBROS CORRESPONDENTES

Aramis Ribeiro Costa	Cristiano Lobo
Consuelo Pondé	Edivaldo Pereira Brito
Roberto Sidney Macedo	Ivete Alves Sacramento

O nome da revista

Guriatã é um pássaro pequeno, muito encontrado outrora nas fazendas da Região Cacaueira Baiana. Tem o dorso negro-azulado brilhante, a ponta das asas é de um castanho-claro, lado inferior amarelo. Mancha amarela na fronte. Imita o canto de outros pássaros. Muito apreciado para ser criado em gaiola. Por sua versatilidade de pássaro cantante e por não ser comum encontrá-lo em abundância hoje, a Academia de Letras de Itabuna (ALITA) presta singela homenagem a esse músico versátil, tomando emprestado o nome dele para batizar sua Revista. (CM)

OS MEMBROS FUNDADORES DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA (ALITA), EM 19 DE ABRIL DE 2011

Dr. ANTONIO LARANJEIRA BARBOSA
Prof. ARY QUADROS TEIXEIRA
Dr. CARLOS EDUARDO LIMA PASSOS DA SILVA
Dr. CYRO PEREIRA DE MATTOS
Dra. DINALVA MELO
Prof. GUSTAVO FERNANDO VELOSO MENEZES
Dra. LURDES BERTOL ROCHA
Dr. MARCOS ANTONIO SANTOS BANDEIRA
MARIALDA JOVITA SILVEIRA
MARIA GENNY XAVIER CONCEIÇÃO
MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE
Prof. RILVAN BATISTA DE SANTANA
Dr. RUY DO CARMO PÓVOAS
Dra. SIONE MARIA PORTO DE OLIVEIRA
Dra. SÔNIA CARVALHO DE ALMEIDA MARON

PRIMEIRA CERIMÔNIA DE POSSE DOS MEMBROS DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA (ALITA)